

BUSCANDO O QUE AGRADA A DEUS

Antonio Jesús María Sánchez Orantos, CMF



MISIONEROS
CLARETIANOS
HIJOS DEL INMACULADO CORAZÓN DE MARÍA

Documentos da Prefeitura Geral
da espiritualidade e da vida comunitária

8

Diáconos da misericórdia divina em fidelidade ao Espírito Santo

Por isso, também nós, desde o dia em que o soubemos, não cessamos de orar por vós e pedir a Deus para que vos conceda pleno conhecimento de sua vontade, perfeita sabedoria e penetração espiritual, para que vos comporteis de maneira digna do Senhor, procurando agradar-lhe em tudo, frutificando em toda boa obra e crescendo no conhecimento de Deus.

Para que, confortados em tudo pelo seu glorioso poder, tenhais a paciência de tudo suportar com longanimidade. Sede contentes e agradecidos ao Pai, que vos fez dignos de participar da herança dos santos na luz.

Ele nos arrancou do poder das trevas e nos introduziu no Reino de seu Filho muito amado, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados. Ele é a imagem de Deus invisível, o Primogênito de toda a Criação.

Nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as criaturas visíveis e as invisíveis. Tronos, dominações, principados, potestades: tudo foi criado por ele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem nele.

(Col 3, 9-17)

I

O compromisso do discernimento em uma Igreja que quer ser Igreja em saída

A vida cristã é um “caminho”, é “viver do Espírito” (cf. Gal 5, 25), como sintonia, relação, imitação e configuração com Cristo, para participar da sua filiação divina. Por isso, “todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8, 14).

1. Somente no caminho, no processo, renovamos nossa fidelidade.

O Evangelho de João põe nos lábios de Jesus uma definição estranha - talvez já nos tenhamos habituado a ela - do seu ser pessoal: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6) e a Igreja, as comunidades eclesiais, nunca a meditarão suficientemente. Notemos que nem a primeira nem a última palavra é "verdade", porque quando o que é considerado verdade nos acomoda, quando não nos coloca no caminho, na saída; ou, ainda, quando a assim chamada verdade não engendra vida na nossa vida para que possamos engendrar vida verdadeira, boa e bela, o que é considerado verdade, podemos ter certeza absoluta, não vem, não pode vir do dizer de Deus.

E, assim, a finalidade de todo discernimento, como veremos mais adiante, fica, desde um princípio, estabelecida com clareza: no caminho – quebra toda instalação – para gerar vida – lutar com inquebrantável esperança contra todo sinal de morte (pecado) – porque aprendemos a configurar nosso coração (vida afetiva) desde a Verdade de Deus, desde sua vontade – fundamento de nossa fidelidade.

A Verdade de Deus é convite a nos colocar a caminho para gerar vida (Gn 12,1: vocação de Abraão: "deixa tua terra..."; Ex 6,11-13: vocação de Moisés e Israel; Is 6,9: vocação de Isaías: "Vai e diga..."). Porque o verdadeiro caminhante, peregrino sem morada, carece de ambições e sua bagagem é sempre leve; conta mais a paisagem, o terreno que pisa, o céu que lhe cobre, a conversa íntima, o desejo de clareza...

Pôr-se a caminho, uma experiência de gratuidade, que desdenha o destino e grita com força contra os abusos deste mundo, contra o assédio do consumo, contra o veneno da posse, contra o amontoado de notícias e memes que sequestram a nossa lucidez, contra a exigência de parecermos ser o que não somos? Marginalidade transitória, espaço ideal para repensar a nossa relação com o outro (ecologia), com os outros (ética/política/vida comunitária) e com o Outro (espiritualidade), rompendo com os nossos papéis

pretendidos ou impostos. E assim, “saindo da nossa terra”, repito, da “terra” fingida ou imposta, desprendemo-nos do peso, “vendemos” (Mt 19, 16-22), para encontrar aquilo que verdadeiramente dá sentido à nossa vida.

O caminho, certamente, não é um fim, mas um meio para abrir a possibilidade de recuperar novos aromas, novos sons, novas perspectivas, novas paisagens, memórias perdidas... permite a reconfiguração do coração (vida afetiva): diferentes emoções que discernidas poderão converter-se em sentimentos (moções) que orientem de maneira nova nossa liberdade.

Não será esta uma ótima maneira de abordar a tarefa do discernimento, ou seja, de abordar a tarefa de levar a sério a própria vida? Uma seriedade que remete para o esforço e para a honestidade, para a paixão pelo esclarecimento da verdade sem renunciar à alegria, porque quando a angústia (desconsolo), o medo (falta de liberdade) e a instalação (aburguesamento: riqueza) abundam no nosso coração, a nossa confiança, a nossa fé em Deus foi quebrada. E quando duvidamos da presença amorosa de Deus na nossa vida por falta de confiança, a luz da esperança, que descobre sempre os caminhos da caridade, também se quebra. A vida teologal desaparece.

É inútil falar de discernimento quando não queremos levantar-nos e pôr-nos a caminho para viver. Só podemos sair da nossa preguiça, da nossa lentidão, caminhando: *Solvitur ambulando* (tudo se resolve caminhando), como dizia Santo Agostinho.

E é este o entendimento de discernimento que defendo e difundo: uma festa cordial(coração) (alegria messiânica) do verdadeiro conhecimento humano (inteligência vital), que, através de sucessivos esforços de alegria (libertações), saboreia uma Verdade que não pode ser possuída, mas que pode ser amada (acolhida cordial).

Porque o discernimento dilui a maior parte das nossas tensões inúteis, alterando o nosso devir temporal: a passagem e o peso do tempo, o tempo cronológico (*chronos*), converte-se numa oportuni-

dade (*kairos*) para decidir viver verdadeiramente. Porque o discernimento cura a nossa arrogância, pois permite-nos tomar consciência da nossa vulnerabilidade e, assim, quebrar a nossa falsa arrogância.

E, sobretudo, o nosso Deus conhece a nossa fragilidade e a nossa ignorância, conhece as nossas conquistas e as nossas misérias, e oferece-se para nos acompanhar neste caminho, nesta peregrinação. Por isso, cada trecho do caminho percorrido, ou melhor, cada passo, tem sentido, mesmo que não encontremos verdades apodícticas, imutáveis; mesmo que vislumbremos apenas pequenas luzes, lampejos que não se devem apagar (Is 42,3), porque se foram discernidos com verdade, tratarão sempre do que mais importa: as incertezas trabalhadas, o mais nobre que existe, a verdadeira experiência da fé. E nunca nos esqueçamos que só Deus é fiel e que a nossa fidelidade é a sua fidelidade.

2. A sabedoria da Palavra de Deus: em busca do que “agrada ao Senhor”¹

A expressão *to euáreston* (“o que agrada”, “o agradável”²), estranha na literatura grega profana, aparece no Novo Testamento somente nos escritos de São Paulo (Rm 12, 2; 14, 18; 2Co 5, 9; Ef 5, 10; Flp 4, 18; Col 3, 20; Tit 2, 9) e na carta aos Hebreus (12, 18; 13, 21)³. Sua significação é sempre religiosa, se se exclui Tit 2,9 que remete à atitude que devem assumir os escravos em relação

¹ O que se propõe aqui pode ser encontrado e aprofundado em: Castillo, J.M.: *El discernimiento cristiano. Por una conciencia crítica*. Sígueme, Salamanca, 1984.

² Jesus também emprega uma vez em Jo 8,29 esse modo de expressar-se: “Aquele que me enviou está comigo. Ele não me deixou só, porque eu sempre faço o que é do seu agrado”. E recordemos que o Pe. Claret buscava agradar a Deus, seu Pai, e o fazia desde um sentimento filial. Cf. Autobiografia, 136, 391. Na seção dos Propósitos e nas Notas Espirituais faz várias referências a este motivo de agradar a Deus. E escreveu um opúsculo intitulado “Ramillete de los más agradable a Dios y útil al género humano” (Madri 1858) 32 pp. Os especialistas dirão, mas penso que é um aspecto não descartável, que expressa sua vivência da relação filial desde um descentramento de si e um puro teocentrismo.

³ Cf. para aprofundar, Therrien, G. *Le discernement dans les écrits pauliniens*, Paris, 1973.

aos seus amos. Em outras palavras, a expressão aponta à autêntica relação que o ser humano deve manter com Deus: uma belíssima definição da fidelidade.

Essa expressão, como veremos adiante, aparece intimamente ligada à tarefa do discernimento: é o seu resultado. Portanto, o discernimento, insistiremos constantemente nisso, não pretende encontrar regras ou leis de cumprimento obrigatório para alcançar uma perfeição que situe a vida humana à altura de Deus (a Torre de Babel e, com ela, todas as possíveis torres que tentam “chegar ao céu e alcançar a fama”, foi derrubada há muito tempo – Gn 11,1-9). Trata-se, pelo contrário, de abrir uma relação estética, afetiva e, por isso, efetiva, porque “se trata de amor”, com nosso Deus e Senhor para configurar o coração humano desde seu Amor e agir desde essa experiência fundante.

O discernimento não é e nem pode ser somente projeto humano, ainda que o respeito aos dinamismos da psicologia humana seja importante – *ver e escutar bem* não é apenas um presente para os demais, mas também para nós mesmos –; mas, antes de tudo, um fruto do Espírito Santo; por isso, e somente por isso, o discernimento é sempre um caminho espiritual: porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado.

Como sabemos, ainda que com frequência esquecemos, o Espírito Santo não é um mero ajudante para nossos projetos pessoais ou institucionais. Se fosse assim, não teria a iniciativa na vida humana, e se subordinaria ao querer humano. É o Espírito Santo, “que vai e vem e sopra onde quer” (Jo 3,8-21), que conduz, que tem que conduzir os filhos de Deus: “porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, estes são filhos de Deus” (Rm 8,14). Por isso, falar de discernimento, já está insinuado acima, é falar de liberdade, ou melhor, de processos pessoais e comunitários de libertação, porque é falar de amor.

A questão que abre o discernimento apontará sempre para saber

de que maneira o ser humano pode e deve ser fiel ao Espírito, sem esquecer sua condição de filho desta terra (psicologia) e membro de uma determinada cultura e instituição social (sociologia).

Há dois termos gregos que podem traduzir nossa palavra “discernimento”:

- *Diakrisis*, que expressa a ideia de separar, fazer uma distinção (cf. Heb 5,14; 1Cor 11,29)
- *Dokimádsein*, que expressa a ideia de aprovar provando, de saborear (sabedoria) e que pode ser considerado o termo mais apropriado, e, por isso, o mais repetido, no exercício do discernimento. Trataria de discernir mediante a provação (práxis, não só teoria, ou se quiser, inteligência sensível, experimental) o autêntico, o bom, o que agrada da Deus. Em definitiva, o verbo *Dokimádsein* deve ser considerado como a expressão técnica que pretende definir com clareza o fundamento do agir da fé. É um conceito chave para entender a vida cristã cotidiana, não apenas para clarificar experiências extraordinárias da fé.

Revisemos brevemente os textos. Mas não sem antes advertir que tentamos penetrar na Palavra de Deus. Em outras palavras, adentramos nela para que adentre em nós: é o sentido forte do verbo “conhecer” na tradição judaica. Trata-se, pois, não de dominar o significado do texto, mas sim de que o texto nos domine, para que o nosso coração, fundamento do nosso agir, seja configurado afetivamente pelo seu conteúdo. É a lei psicológica da vida humana e, por isso, do discernimento: o afetivo será sempre o efetivo em nossa vida e não convém esquecer que o Espírito Santo não derrama em nossos corações ideias de Deus, mas seu Amor.

Rm 12, 1-2 expressa com vigor o que deve ser o discernimento cristão na vida do fiel:

Eu vos exorto, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, a oferecerdes vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus: é este o vosso culto espiritual. Não vos conformeis com este mundo, mas

transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito.

Como se sabe, este texto tem uma importância singular no conjunto da carta aos Romanos. Situado no começo da segunda parte, a parte exortativa, ou seja, ali onde Paulo pretende oferecer com clareza em que consiste a existência cristã, o *culto autêntico* (*la-treia logiké*, expressão sumamente surpreendente!). Isso quer dizer que, o *culto autêntico* supõe:

- *Intransigência frente ao “mundo”⁴ e transformação do “olhar”, “vida na luz”, que afeta a todas as dimensões da pessoa.*
- *Como condição de possibilidade para apreciar o que Deus quer, o que lhe agrada.*

Observemos que Paulo está situando o discernimento no centro da relação ser humano-Deus, ou seja, na essência da vida cristã. Por isso, o início da carta, Rm 1,28, deixa escrito que os pagãos são caracterizados pela incapacidade de discernir; e, também, Rm 2,17-20, que o discernimento para os judeus foi puramente teórico, sem consequências práticas.

Ef 5,8-10, desde outro ponto de vista, chega à mesma conclusão:

Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor. Procedei como filhos da luz. E o fruto da luz é toda espécie de bondade e justiça e de verdade. Discerni o que agrada ao Senhor.

“Procedei...discernindo”: o discernir determina em que consiste ser “filhos da luz”, ou ainda, os filhos da luz se definem pelo discernimento, são aqueles seres humanos que procedem segundo o que agrada ao Senhor porque discerniram sua vontade.

⁴ O conceito de “mundo” remete em São Paulo a uma tripla situação vital que sempre exigirá uma radical vigilância para o homem de fé: a) a existência pagã, que não quis reconhecer e glorificar a Deus (Rm 1,18-32); b) a existência judaica, que busca a salvação no cumprimento da lei (Rm 2,12-29); c) a existência anticristã, que vive segundo seus próprios impulsos: egoísmo/narcisismo (Rm 8,5-8; Gal 5,16-24).

Flp 1,8-11 oferece um matiz importante para a tarefa do discernimento cristão:

Deus é testemunha de que tenho saudades de todos vós, com a ternura de Cristo Jesus. E isto eu peço a Deus: que o vosso amor cresça ainda, e cada vez mais, em conhecimento e em todo discernimento, para distinguirdes o que é melhor e fiquéis integros e irrepreensíveis para o dia de Cristo, cheios do fruto da justiça que nos vem por Jesus Cristo, para a glória e louvor de Deus.

O desejo de Paulo: que o amor se intensifique e seja sinal da vida cristã, porque somente assim ficará capacitada para o discernimento. E seu fim nunca é a busca da própria perfeição, mas a glória e o louvor a Deus; por isso, a tarefa do discernimento mediará, fará de ponte entre o amor e o louvor. Em outras palavras: um amor sem discernimento oferecerá a Deus pouca glória e louvor, porque será sempre um amor desorientado, um amor que em vez de descen-trar-nos nos centra em nosso “próprio querer e interesse”, em nós mesmos (e muitas vezes sob a desculpa de santidade!). Estamos assim perante a própria natureza do discernimento: é uma experiência que, gerada pelo amor: penetração (*epignosis*) e sensibilidade (*ais-zesis*), permite descobrir “o que é melhor”, a vontade de Deus para a vida humana.

1Cor 11,28-29 nos permite dar um passo a mais nesta penetração e sensibilidade: a indissolúvel relação entre discernimento e práxis moral.

Examine-se (dokimadséto: discirna-se) cada um a si mesmo e, assim, coma do pão e beba do cálice; pois, quem come e bebe sem distinguir (diakrínon) devidamente o corpo do Senhor, come e bebe sua própria condenação.

Trata-se, agora, de saber distinguir (*diakrínon*) o “corpo do Senhor. Trata-se de que se celebre a ceia do Senhor como refeição do Senhor e não como outra coisa. E trata-se, por isso, de celebrar segundo as exigências que derivam da celebração: uma só mesa, uma só família, um só sentimento, uma só festa... onde toda possível divisão distorce seu sentido.

2Cor 13,5-6 adverte que o objeto do discernimento remete à vida cotidiana do fiel, ou seja, à presença de Cristo em cada um e na vida da comunidade:

Examinai-vos⁵ a vós mesmos, se estais na fé. Provai-vos (éautoús dokimádsete: discirnam) a vós mesmos. Acaso não reconheceis que Cristo Jesus está em vós? A menos que a prova vos seja, talvez, desfavorável. Mas espero que reconheceréis que ela não é contra nós.

A autoridade de Paulo como apóstolo de Cristo foi posta em dúvida. Paulo exige à comunidade que examine sua condição de cristãos. E o objeto do discernimento é a presença de Cristo em cada um e na comunidade. Somente assim se garante a fidelidade, a identidade cristã: o próprio ser da pessoa cristã.

Gal 6, 4-5 insistirá sobre o mesmo tema. Na tarefa do discernimento jogamos a autenticidade da existência cristã.

Cada um examine (dokimadséto: discirna) o seu procedimento. Então, poderá gloriar-se do que lhe pertence e não do que pertence a outro. Pois cada um deve carregar o seu próprio fardo.

Trata-se de cada cristão discernir e manifestar a ação que deriva da fidelidade aos ensinamentos de Jesus, o Cristo – conceito chave, como se sabe, na carta aos Gálatas –, para não cair nas obras da lei (Gal 2,16; 3,2.5.10) ou da carne (egoísmo: Gal 5,19). Trata-se de uma conduta especificamente cristã e chave é o discernimento.

Mas a prática do discernimento não se refere apenas, em Paulo, a este belo mas duro combate espiritual que fomos descobrindo. A

⁵ Uma nova e importante expressão: *peirádsete* (πειράζετε), cujo significado varia consoante o contexto em que se encontra, mas, em geral, pode ser traduzido por “pôr à prova” ou “tentar”. Refere-se assim à prova da fé e a situações em que o crente enfrenta desafios que põem à prova a sua fidelidade. A ideia é que estas provas são oportunidades para os crentes demonstrarem a sua lealdade e confiança em Deus, fortalecendo assim a sua relação com Ele, na convicção de que Deus não permitirá que os seus seguidores sejam tentados para além da sua capacidade de resistir e que Ele próprio providenciará, se for devidamente ouvido (*ob-audire*), o caminho certo a seguir.

comunidade crista é também chamada à tarefa do discernimento. Na exortação final da primeira carta aos Tessalonicenses, 1Tes 5,19-22, escreve:

Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo (pánta dé dokimádsete): abraçai o que é bom. Guardai-vos de toda a espécie de mal.

Diante da possível desorientação sobre a ação do Espírito na comunidade, Paulo não remete a intervenção de entendidos ou de autoridades, mas apela à responsabilidade de todos e cada um, à sincera busca que todos e cada um devem realizar.

Mas ainda podemos aprofundar mais na relação entre caminho de fidelidade cristã e ação do Espírito Santo. Nos remetemos agora à primeira carta de João que expõe, como sabemos, os critérios que garantem a autenticidade da comunhão com Deus e com os demais. Assim, em 1Jo 4,1 encontramos estas afirmações fundamentais:

Caríssimos, não deis fé a qualquer espírito, mas examinai (dokimádsete ta pneúmata) se os espíritos são de Deus, porque muitos falsos profetas se levantaram no mundo.

O termo “inspiração” pode referir-se tanto ao ser humano movido por um princípio superior como aos efeitos que o ser humano experimenta quando é movido por algum sentimento interior. Estas inspirações podem provir do Espírito da verdade ou do espírito do erro (1Jo 4,6), ou seja, aproximam ou distanciam o ser humano de Deus. Portanto, o autor da carta é consciente de que não toda religiosidade, não toda forma de religião – isto é importante – é autêntica. O risco é que em nome da religião, do sagrado, o ser humano possa separar-se do querer de Deus. Por isso, todo cristão, não somente alguns eleitos, deve pôr em prática o discernimento.

Finalmente, em Heb 5,14, podemos ler:

O alimento sólido é para os adultos, para aqueles que a experiência já exercitou na distinção (prós diakrisin) do bem e do mal.

O autor da carta trata desde 5,11 a 6,12 as disposições que de-

vem ter seus destinatários. E repreende os membros da comunidade porque “a julgar pelo tempo, já devíeis ser mestres! Contudo, ainda necessitais que vos ensinem os primeiros rudimentos da Palavra de Deus” (5,12). Neste marco distingue na comunidade dois tipos de pessoas: os que são como crianças (*népioi*), imperfeitos ou imaturos; os que são adultos (*teleioi*), com sensibilidade agudizada para as coisas de Deus. Trata-se, portanto, de descrever quem são os que chegaram à maturidade da vida cristã. E é aqui onde aparece com toda a força a tarefa do discernimento como aquele que distingue a personalidade cristã madura. E, segundo o autor, se tal personalidade não se dá na comunidade, esta merece uma séria repressão.



CONCLUSÃO

- O Espírito de Deus não é um ajudante que vem em auxílio do ser humano para cumprir decisões já tomadas. É Ele que derrama o amor nos corações; e “porque é amor”, é Ele que marca o ritmo e as decisões do discernimento cristão.
- Portanto, porque discernir é saber acolher a ação do Espírito (1 Ts 5, 19-22: não apagueis o Espírito) no coração humano, a tarefa do discernimento não é uma questão marginal na vida cristã, mas, pelo contrário, é a sua tarefa mais própria e a sua qualidade que está em jogo na identidade cristã.
- Com efeito, o verdadeiro culto que define a existência cristã concretiza-se e exprime-se (*praxis*) no discernimento (Rm 12,2). Discernir é caminhar como filhos da luz para ver o que agrada ao Senhor (Ef 5, 8-10), separar o bom do mau porque nem todos os atos religiosos são segundo a vontade de Deus (Heb 5, 14; 1Co 13, 5-6; 2Co 13, 5-6; Gal 6, 4-5; 1Jo 4, 1) e procurar sempre os caminhos do amor (Fil 1, 9-10) porque só um coração modelado pelo amor, pelo Espírito de Deus, pode conhecer e saborear com prazer o que agrada a Deus.
- A medida, portanto, de uma vida autenticamente cristã é a capacidade de discernir a vontade de Deus em cada caso e em cada situação.
- O versículo 10 de Fil 1 oferece-nos, talvez, o termo chave que resume todo o percurso: *diaphéronta* (διαφέροντα) que implica discernir ou distinguir entre as opções disponíveis para escolher a melhor. Leiamos: “com que possais discernir o que é mais perfeito (*diaphéronta*) e vos torneis puros e irrepreensíveis para o dia de Cristo”. Este termo aparece também em Rm 2,18, onde Paulo reconhece que a lei de Moisés também exige a busca do que é excelente e, por isso, exorta os judeus a abrirem-se à excelência da vontade de Deus revelada em Cristo. Este deve ser o nosso próximo passo de reflexão.

3. O caminho de Jesus: o seu processo de discernimento

Antes de iniciar este terceiro passo, é necessário fazer uma dupla advertência:

- *Os Sinóticos⁶ e João não falam expressamente do discernimento cristão. No entanto, tentarei mostrar como a comunidade cristã, a partir da sua penetração íntima na vida de Jesus, quer que tomemos consciência, que saboreemos a experiência de discernimento que, antes de iniciar a sua vida pública, o Mestre fez no deserto, onde foi conduzido, não deve ser esquecido, pelo Espírito a ser provado, a ser tentado. Uma experiência radical de discernimento na biografia de Jesus para descobrir o verdadeiro caminho que Deus quer para a sua vida.*
- *Para compreender corretamente a experiência do discernimento na biografia de Jesus, é preciso derrotar uma heresia muito antiga: o monofisismo e o seu companheiro, o monoteletismo. Trata-se, como é sabido, de não aceitar as consequências da encarnação, de não aceitar que Jesus é plenamente Deus e plenamente homem (Concílio de Calcedônia). Porque, por vezes, no fundo do nosso coração, não aceitamos, temos dificuldade em aceitar que Jesus é humano, demasiado humano, ou seja, que todos os dinamismos do corpo humano (intimidade psicológica) têm lugar na sua biografia. A consequência desta falta de aceitação é tremenda: acreditar que Deus só pode ser totalmente Deus à custa de o ser humano ser menos humano; e, como veremos, determina, formulada de forma positiva, uma das regras mais claras do discernimento cristão: os verdadeiros atos do ser humano ou nos humanizam ou não podem ser desejados por*

⁶ O verbo *Dokimádssein* aparece duas vezes no Evangelho de Lucas (12, 56 e 14, 19), mas em ambos os casos se refere a coisas que nada têm a ver com o discernimento cristão. O substantivo *diákrisis* nunca é usado nos Evangelhos. E o verbo *diakrínein* encontra-se em Mt 16,3; 21,21; Mc 11,23, mas também não se refere ao discernimento cristão.

Deus. Por isso, o ser plenamente humano pode ser considerado como a manifestação mais clara do ser plenamente Deus.

Em suma, Jesus era em tudo igual a nós, exceto no pecado (Heb 2,18; 4,15); mais ainda, a afirmação paulina é muito forte, “Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus.” (2Co 5,21). (2Co 5,21). Em palavras simples: Jesus viveu, lutou e morreu no meio de dificuldades, tensões, conflitos... e, por isso, embora os Sinóticos e João não o digam explicitamente, teve de discernir, de procurar na sua vida cotidiana “o que era agradável a Deus”. E coloca-se a questão: quais eram os critérios de busca de Jesus? Porque o objetivo último da tarefa de discernimento é seguir Jesus, configurarmo-nos com ele à luz do Espírito de Deus, para responder à vontade de Deus Pai.

Os Evangelhos insistem no fato de Jesus ter agido sempre em sintonia com a vontade de Deus, o Pai do Céu (Mt 6,10; 7,21; 12,50; 26,50; Mc 3,35; Lc 22,42). A vontade de Deus era o seu verdadeiro alimento (Jo 4,34). E esta fidelidade radical foi levada ao extremo (Mt 26,42; Lc 22,42).

Insistem também, e não têm qualquer problema em declarar, que as ações de Jesus provocam por vezes escândalo (Mt 11,6; 13,57; 15,12; 26,31; Mc 6,3; 14,27; Lc 7,23; Jo 6,61; 16,1). Por outras palavras, o critério de ação de Jesus não consistiu apenas na adaptação da sua vida à lei estabelecida, com a pretensão de se apresentar como uma vida exemplar, edificante, aprovada e plausível para a sociedade judaica do seu tempo.

Os Evangelhos sustentam também que esta falta de conformidade com o prescrito não tem origem numa simples rejeição da lei, que é sagrada para todo o judeu. Jesus não quer revogá-la (Mt 5,17-37), mas, precisamente, levá-la à sua plena realização: o amor que se encarna na misericórdia (hospitalidade para com o diferente) e na misericórdia (perdão e bênção).

Já foi dito e sublinhamos: a tarefa do discernimento não se refere ao conhecimento e aceitação de ideais éticos, mas à conclusão de

um diálogo pessoal, um diálogo de amor, com Aquele que sabemos que nos ama (oração afetiva e, portanto, eficaz), para que, experimentando o amor, estejamos prontos a amar os outros, especialmente aqueles que ninguém ama.

Bem, a pergunta a ser respondida poderia ser formulada da seguinte forma: por que Jesus foi tão livre em relação às normas religiosas de seu tempo e tão exigente, tão radical, em relação ao amor, à justiça, à proximidade com os deserdados? Por que ele quis levar a Lei ao seu cumprimento, estabelecendo um fundamento radical e novo para a ação humana?

E para responder a essa pergunta, temos que nos referir, como dissemos acima, à experiência de discernimento que a catequese da comunidade primitiva nos convida a saborear: O batismo que ele recebe das mãos de João Batista (Mt 3, 13-17), onde o céu se abre; o Espírito vem sobre ele; e a voz do Pai é claramente pronunciada, atribuindo-lhe não apenas uma missão, mas também um modo de realizá-la: “Tu és meu Filho, a quem amo, meu amado” (Mc 1, 11), que, como sabemos, refere-se à missão do Servo Sofredor (Is 42, 1 ss.), belamente definida em Is 53, 1 ss.

Em outras palavras, a voz do Pai não apenas revela a identidade do Filho, mas também sua missão e a maneira pela qual ela deve ser realizada. Ela declara não apenas o significado final, o propósito da vida de Jesus: a salvação de todos os seres humanos, mas também uma maneira, um estilo de realizar esse propósito: solidariedade com todos os pecadores e deserdados da terra. A alegre notícia de Jesus, o Filho de Deus, não pode seguir o padrão, sonhado por muitos, de honras, esplendor e glória, mas deve assumir as características incomuns de fraqueza, luta e sofrimento⁷.

Resumidamente: o Pai Celestial indica não apenas um fim a ser alcançado, mas também um modo de alcançar esse fim. E esse

⁷ E aqui vale a pena parar para rever Gênesis 22: o sacrifício de Isaac, em que Abraão será posto à prova, embora o anjo suspenda o sacrifício. Por que o sacrifício de Jesus não é suspenso?

como parece ser tão importante quanto o fim.

E um novo critério de discernimento se configura como uma forte advertência para esclarecer sua tarefa: o ser humano pode se enganar ou ser enganado mais facilmente com relação aos meios do que com relação ao fim.

Lembremos que as palavras da serpente, o pecado original, referem-se ao desejo último, ao fim último do coração humano: desejar a própria vida de Deus (Gn 3, 1ss) - não convida, portanto, a abandonar o fim da criação; mas oferece um meio que se separa do desejo de Deus: comer da árvore do conhecimento do Bem e do Mal, ou seja, querer ser Deus sem Deus. E lembremos também que os sinóticos estabelecem uma profunda relação entre o batismo de Jesus e as tentações, que não são senão o prolongamento do batismo, porque é o mesmo Espírito que repousou sobre Jesus (Mc 1,10 par) que o conduz ao deserto (Mc 1,12 par) para que o demônio, o espírito maligno, o ponha à prova. E o tentador não propõe que Jesus se separe de seu propósito, ou seja, de seu projeto messiânico de salvação ("se tu és o Filho de Deus..."), mas lhe oferece um caminho diferente e, talvez para alguns, mais eficaz do que o caminho indicado ao Servo Sofredor: salvar e libertar por meio do prestígio, do poder, da dominação, o oposto da humilde solidariedade com os pecadores e os deserdados.

E Jesus rejeita a tentação e deverá rejeitá-la ao longo de todo o seu caminho (Mt 4,10: "Afasta-te de mim, Satanás"; Mt 16,23: "... Tu és para mim uma pedra de tropeço, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens") até culminar no pedido que faz, com um forte fundamento histórico - não uma construção catequética - Lc 22,40 par. ou seja, não abandonar o caminho que mostra que só o amor salva: entrega incondicional, morte na cruz entre pecadores e malfeitores, dar a vida para que outros tenham vida (Jo 10,10), solidariedade humilde e sem limites.

4. A prática do discernimento pessoal e comunitário na vida cotidiana: suas regras

4.a. Uma advertência preliminar

Não vou me referir ao discernimento em situações de decisão extraordinária por dois motivos:

- *Porque o discernimento é uma tarefa a ser realizada na vida cotidiana. Sem essa fidelidade cotidiana, o discernimento em situações extraordinárias é quase impossível. Falta a sensibilidade afetiva para saborear a voz de Deus.*
- *Porque a tarefa de discernimento em situações extraordinárias sempre requer acompanhamento pessoal, o que exige não apenas o estabelecimento de regras para aquele que está sendo acompanhado, mas também, e acima de tudo, para aquele que acompanha. Abordaremos essa tarefa na segunda parte de nossa reflexão.*

4.b. As regras de discernimento

Se tivermos assimilado a reflexão acima, podemos concluir que o objetivo final do discernimento não é nem a formulação nem a conformidade com princípios teóricos de ação, mas um diálogo pessoal com o Pai, possibilitado pelo amor que o Espírito derramou no coração humano para que possamos seguir o caminho de seu Filho Amado.

Resumidamente: não é uma técnica humana para resolver conflitos, mas um chamado à experiência mística, à experiência espiritual (para ser fiel ao Espírito), à vida profunda e radical de oração (para encontrar Deus em todas as coisas).

E todo verdadeiro diálogo de amor é um diálogo de liberdade. O discernimento é o caminho da libertação. A liberdade dos filhos de Deus para fazer sua vontade é seu objetivo final. Seguir o Espírito não é privilégio de alguns, é a tarefa de todo cristão. A Palavra de

Deus testifica que a tarefa de discernimento é a tarefa na qual cada crente aposta sua identidade.

Quando lemos os textos que falam de discernimento, ficamos impressionados com sua imprecisão quando se trata de estabelecer objetivos. Eles nunca fornecem normas precisas. Pelo contrário, sua amplitude é sempre reconfortante. Mas dessa amplitude, dessa largura, vem uma tremenda exigência. Pois a “sabedoria, porém, que vem de cima, é primeiramente pura, depois pacífica, condescendente, conciliadora, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, nem fingimento. O fruto da justiça semeia-se na paz para aqueles que praticam a paz”. (Tg 3,17-18) e, portanto, essa sabedoria invoca a doação final da vida que, para um seguidor de Jesus, o Cristo é sempre a doação Pascal:

Mas o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, pois para ele são loucuras. Nem as pode compreender, porque é pelo Espírito que se devem ponderar. O homem espiritual, ao contrário, julga todas as coisas e não é julgado por ninguém. (1Cor 2, 14-16)

Em última análise, e chegamos imediatamente à formulação das regras de discernimento, trata-se de aceitar que, com a vinda de Jesus, o Cristo, com sua morte e ressurreição, ocorreu uma transformação radical no relacionamento do ser humano com Deus. Essa transformação consiste no fato de que a lei externa não determina mais a vida humana, porque o ser humano é filho de Deus, filiação, que exige, portanto, como filhos do mesmo Pai, relações de fraternidade: “que todos sejam um, para que o mundo creia” (Jo 17, 21-23). A Palavra é suficientemente clara:

Mas quando veio a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, que nasceu de uma mulher e nasceu submetido a uma Lei, a fim de remir os que estavam sob a Lei, para que recebêssemos a sua adoção. A prova de que sois filhos é que Deus enviou aos vossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: “Aba, Pai!”. (Gal 4, 4-6)

E a partir dessa grande sabedoria, vamos formular as regras de discernimento. A espiritualidade cristã tem dado muitas formulações sobre elas. Pode-se afirmar, de modo geral, que todas as esco-

las de espiritualidade criaram suas próprias regras. Vou apresentar, creio que com simplicidade, o denominador comum de todas elas, transformando-as em critérios práticos de ação.

O princípio das regras é claro: libertar-nos de tudo o que nos impede de experimentar a ação do Espírito no coração humano: “É para que sejamos homens livres que Cristo nos libertou. Ficai, portanto, firmes e não vos submetais outra vez ao jugo da escravidão.” (Gl 5:1). E sua formulação seria a seguinte:

- **Regra teológica** - *Deus, comunidade de pessoas: decida livremente, mas sempre cuide para que sua ação gere ou regenere a vida da comunidade.*
- **Regra cristológica** - *o Caminho Pascal: humilde solidariedade -: decida livremente, mas sempre procure que sua ação o aproxime cada vez mais dos pobres e deserdados da terra, para que você possa ser a voz dos que não têm voz.*
- **Regra pneumatológica** - *Criatividade do Espírito: vai e vem... -: decida livremente, mas sempre procure evitar a rotina (conformidade, ritualismo, vida sem esperança) que quebra a criatividade do amor.*
- **Regra antropológica** - *os frutos do Espírito na vida humana -: decida livremente, mas sempre cuide para que sua ação gere em sua vida e na vida dos outros: amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão, autocontrole (Gl 5,22).*

Sua aplicação é simples: olhe para uma semana, um mês, um ano de sua vida e pergunte a si mesmo com sinceridade: as decisões que você tem tomado e que moldaram sua vida geraram comunidade ou o fecharam em si mesmo, em seus próprios desejos e interesses? As decisões que você tem tomado o moldaram como a voz dos que não têm voz desde a aceitação do Mistério Pascal ou sua vida está cada vez mais distante deles? As decisões que você vem tomando quebraram sua vida rotineira, abriram em você a luz da esperança

que sempre abre a criatividade da caridade, ou a rotina sombria tomou conta cada vez mais de seu projeto de vida? As decisões que você vem tomando permitiram que você experimentasse o amor, a alegria, a gentileza...

4.c. Uma possível maneira prática de manter o discernimento na vida cotidiana

Todos os mestres espirituais confirmam que a porta de entrada para o discernimento, que deve se tornar um hábito espontâneo na vida do crente, é o exame da vida. Uma pausa (ação que interrompe nosso fazer), um diálogo cuidadoso, que busca, a partir de uma dupla experiência: a do passado (verificação) e a do futuro (imaginação espiritual), passar de uma para a outra (decisão livre: presente) provocando um processo de amadurecimento pessoal diante de Deus. Portanto, o exame não se trata de nos confrontar com o nosso "eu ideal", mas de nos confrontar com o nosso "eu real", aqui e agora, para que a presença de Deus, que é sempre afetiva (consolo e desconforto: não se trata de administrar ideias), possa iluminar a nossa jornada. Quais são os passos desse exame?

- *Gratidão: dar graças a Deus pelos dons recebidos, especialmente pelo dom da vida, porque eles nos permitem continuar caminhando em sua presença, acompanhados por ele. O protagonista do exame é o Espírito, que derrama sua graça em nossos corações tal como eles são, tal como eles estão (eu real); e à luz dessa graça, dessa gratuidade, dessa experiência de amor, confrontar nossa resposta de amor.*
- *Verificação (passado): A partir da luz da graça, iniciamos, no passado, o processo de verificação. Não se trata de pensar - haverá tempo para isso - mas de experimentar afetivamente nossa situação:*
 - Diante de Deus: sinto-me próximo a Ele ou distante Dele? Estou entediado com Deus? Ou quando estou em sua presença e contemplo sua "face", sinto gratidão? sinto alegria? Ou sinto vergonha? Ou sinto medo?

- Diante dos irmãos e irmãs: qual é a minha atitude diante deles? Gentil? Passiva? Positiva? Há algum relacionamento em particular que tenha sido especialmente bom (para ser grato) ou amargo (para transformar)?
- *Atenção (presente): E, a partir do que senti, como me sinto em relação a mim mesmo? irritado comigo mesmo? duro comigo mesmo? consigo me suportar ou sou insuportável para mim mesmo? estou satisfeito comigo mesmo? E revisamos os três momentos anteriores: qual deles foi o mais intenso para mim, ou seja, onde senti a resposta emocional mais profunda (o sinal do chamado de Deus) no aqui e agora de minha vida?*
- *Expectativa (futuro): E agora, sim, a prudência racional para tomar uma decisão: O que Deus gostaria que eu mudasse? Que mudanças graduais devo empreender? O que devo rejeitar? (esse é o momento da imaginação espiritual e da aplicação das regras de discernimento).*
- *Gratidão: e começamos em Deus e terminamos Nele, pedindo Sua presença e companhia na jornada.*

E nossa psicologia se acostuma (hábito espontâneo) a agradecer a Deus em todas as coisas e a se preparar para o discernimento em situações extraordinárias.

4.d. Uma possível maneira prática de discernimento comunitário: *conversa espiritual*

Quando a conversa comunitária é orientada para a tomada de uma decisão, ela precisa incluir o discernimento, o que requer, como vimos, uma maneira de ouvir e falar que se destina a ser o fruto do Espírito do Senhor. Em outras palavras, a conversa comunitária exigirá que refinemos nossa escuta a fim de sermos capazes de atender aos movimentos espirituais (moções) de nós mesmos, dos outros e da comunidade (abordaremos isso com mais detalhes na segunda parte de nossa reflexão).

O ponto de partida deve ser sempre uma atitude de hospitalidade para com os outros. Ela pressupõe e aceita o fato de que todos estão tentando acolher uma Palavra que vem do alto, do Espírito, que depois será encarnada na própria expressão vital de cada um. Recordemos as palavras de Inácio em seus Exercícios Espirituais, nº 22:

Deve-se pressupor que todo bom cristão esteja mais disposto a salvar a proposição de seu próximo do que a condená-la; e se não puder salvá-la, que descubra como a entende, e se a entende mal, que a corrija com amor, e se isso não for suficiente, que busque todos os meios adequados para que, entendendo-a bem, possa ser salvo.

E, sobretudo, as nossas Constituições, n. 16:

Cada um de nós colabore incessantemente para a edificação da Comunidade. Usemos sempre palavras cheias de humildade e caridade. Nunca prejudiquemos a amizade, nem semeemos a discórdia, nem discutamos entre nós, nem murmuremos sobre nada. Nunca julguemos os irmãos, pois o Senhor é o único juiz, nem ousemos suspeitar deles. Desculpemos a intenção, mesmo que não possamos justificar o ato. Saibamos perdoar a todos em um espírito generoso, se alguém tiver uma queixa contra outro.

Sem esse desejo de confiança e lealdade que permite que todos se expressem livre e francamente, nenhum discernimento é possível. Mas, então, não se trata de abandonar a colaboração de cada um na construção da comunidade; trata-se de discernir pessoal e comunitariamente qual é a causa de não ser capaz de discernir em comunidade. Um bom tema para o discernimento comunitário.

E a dinâmica concreta pode ser esta ou semelhante a esta:

- *Defina bem o que você quer discernir de modo que o tema fique claro para todos os que participam da conversa. E não se esqueça de que não se trata apenas de discernir sobre os fins (estes já estão assumidos: melhorar a escuta de Deus para poder cumprir sua vontade e anunciar sua Boa Nova), mas de discernir os meios que conduzem (prudência racional) mais adequada-*

mente aqui e agora a esses fins.

- *Tempo pessoal. Trata-se de experimentar afetivamente na interioridade as ressonâncias (afetividade) que o tema formulado suscita na interioridade de cada participante. Inicia-se o caminho do discernimento.*
- *Compartilhamento das ressonâncias (moções) e das possíveis ações (imaginação espiritual) que surgiram. Trata-se agora de uma escuta ativa (não julgar, isso virá; primeiro, escutar) por meio do acolhimento, deixando-me tocar pela palavra do outro. Quando ouvimos dessa forma, não preparamos nossa intervenção, mas colocamos toda a nossa atenção na outra pessoa, no que ela está comunicando.*
- *Tempo pessoal: o que ouvimos nos afeta, provoca movimentos em nossa interioridade. E agora é uma questão de elaborar pessoalmente o que ouvimos. Um dos efeitos mais positivos da conversa espiritual, do discernimento comum, é que ela nos move e nos tira de onde estávamos. É a escuta atenta que sempre abre a experiência da vulnerabilidade. Um belo exemplo dessa escuta vulnerável é a conversa de Jesus com a mulher siro-fenícia (Mc 7, 24-37).*

A proposta de caminhos possíveis, insistimos: meios para avançar na fidelidade à vontade de Deus, sabendo que algumas vezes se chegará a uma decisão unânime; outras vezes, teremos de votar; e, em certas ocasiões, a decisão final está nas mãos de quem exerce o serviço de autoridade na comunidade. O importante é que tenhamos a certeza de que fizemos tudo o que podíamos para encontrar a vontade de Deus. A graça, que é a nossa fé, fará seu trabalho, fará o resto.

Vamos terminar com um belo texto da Coleção de Cassiano:

E, antes de tudo, quaisquer que sejam os pensamentos que se insinuem em nosso coração, quaisquer que sejam as máximas que nos sugiram, examinemo-las com a maior diligência. Devemos con-

siderar se estão de pleno acordo com a norma suprema do Espírito Santo e se resistem ao teste do fogo divino, ou (...) se provêm do pedantismo e da empolgação próprios da filosofia da época, embora exteriormente possam nos ser propostos com um manto de piedade⁸.



⁸ Cassiano, J. *Colaciones*. Rialp, Madrid, 2019, Vol. I, I, XX, p. 30.

II

Conversação ou diálogo espiritual, uma experiência pedagógica que ensina o coração humano a discernir

Desde os primeiros séculos da Igreja até os dias de hoje tem sido praticado o aconselhamento espiritual, também conhecido como direção espiritual, orientação e acompanhamento. É uma prática milenar que produziu frutos de santidade e disponibilidade evangelizadora. O Magistério, os Santos Padres, os autores de escritos espirituais e as normas da vida eclesial falam da necessidade desse conselho ou direção, especialmente na jornada formativa e em certas circunstâncias da vida cristã. Há momentos na vida que precisam de um discernimento especial e de um acompanhamento fraterno. Essa é a lógica da vida cristã. É necessário redescobrir a grande tradição do acompanhamento espiritual individual, que sempre produziu tantos frutos preciosos na vida da Igreja. O aconselhamento ou a direção espiritual ajuda a distinguir “o espírito da verdade e o espírito do erro” (1Jo 4,6) e a “revestir-se do homem novo, criado segundo Deus em justiça e verdadeira santidade” (Ef 4,24)⁹.

⁹ Congregação para o clero: *El sacerdote, confesor y director espiritual, ministro de la misericordia divina*. BAC -documentos, p. 77.

1. Introdução: uma primeira aproximação ao *diálogo espiritual*

A sábia Tradição da Igreja reconhece o diálogo ou a conversação espiritual como um dos instrumentos pedagógicos mais eficazes para que o coração humano adquira a sabedoria necessária para responder às exigências do discernimento cristão e, assim, cordialmente, a partir do coração, ser capaz de moldar todas as dimensões da vida pessoal a partir do “que agrada a Deus”.

Por essa razão, é necessário, sem pressa, com parcimônia, com calma, definir claramente a dinâmica que torna possível o diálogo ou a conversa espiritual. Começaremos qualificando brevemente o conceito de “diálogo” para, em seguida, confrontar o profundo significado teológico do conceito de “espiritual”, porque “a vida cristã é um ‘caminho’, é ‘viver pelo Espírito’ (cf. Gl 5,25), buscando harmonia, relação, configuração com Cristo, para participar de sua filiação divina: ‘todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus’ (Rm 8,14). O diálogo espiritual, portanto, terá como primeiro objetivo distinguir “o espírito da verdade e o espírito do erro” (1Jo 4,6) para “revestir-se do homem novo, criado segundo Deus em justiça e verdadeira santidade” (Ef 4,24)¹⁰.

O “diálogo” não é apenas “conversa” nem apenas “debate/discussão”. A “conversa” mais ou menos íntima coloca o relacionamento interpessoal em primeiro plano; é uma conversa familiar com uma ou mais pessoas, sem preocupação explícita com as implicações do que é comunicado para a vida pessoal. O “debate/discussão” sempre se refere aos requisitos lógicos da busca da verdade e da objetividade. Implica, portanto, uma comunicação de ideias entre os interlocutores, sem preocupação explícita com as dimensões psicoafetivas dos participantes da discussão. O “diálogo” ou

¹⁰ Congregação para o clero: *El sacerdote, confesor y director espiritual, ministro de la misericordia divina*. BAC -documentos, 77.

“conversação”¹¹ busca justamente harmonizar as exigências psicológicas e lógicas da subjetividade e da objetividade, da pessoa e da verdade. Resumidamente: não há diálogo quando o encontro interpessoal é reduzido à conversa ou ao debate/discussão. Veremos mais adiante que uma das maiores dificuldades para a realização da conversação espiritual é justamente dialogar com clareza sobre a própria experiência de vida, assumindo o risco - abertura e disponibilidade - de que uma Verdade possa surpreender, desnudar a própria vida, oferecendo um futuro insuspeito.

Permitam-nos recordar, com uma citação longa, mas que não convém recortar, a bela definição que Paulo VI, na *Ecclesiam suam* (47-48), oferece do diálogo humano, tendo como pano de fundo o diálogo que Deus mantém com o ser humano:

“O colóquio é, portanto, modo de exercer a missão apostólica, arte de comunicação espiritual. Os seus caracteres são os seguintes: 1) Primeiro que tudo, a clareza. O diálogo supõe e exige compreensibilidade, é transfusão do pensamento, é estímulo do exercício das faculdades superiores do homem. Bastaria este seu título para o classificar entre os mais altos fenômenos da atividade e da cultura humana; e basta, esta sua exigência inicial, para levar o nosso zelo apostólico a rever todas as formas da nossa linguagem: para examinar se ela é compreensível, popular e digna. 2) Outro caráter é a mansidão, aprendida na escola de Cristo, como Ele nos recomendou: “aprendei de mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29). O diálogo não é orgulhoso, não é pungente, não é ofensivo. A autoridade vem-lhe da verdade que expõe, da caridade que difunde, do exemplo que propõe; não é comando, não é imposição. O diálogo é pacífico, evita os modos violentos, é paciente e é generoso. 3) Outra característica é a confiança, tanto na eficácia da palavra-convite, como na receptividade do interlocutor. Produz confidências e amizade, enlaça os espíritos numa adesão

¹¹ Considere a semelhança etimológica entre “conversar” (do latim *conversare*: prefixo *cum-*: junto com, na companhia de alguém; *-versare*: virar, dar meia-volta) e “converter” (do latim *convertere*: prefixo *-cum-*; *-vertere*: virar, dar meia-volta).

mútua ao Bem, que exclui qualquer interesse egoísta. 4) E o último caráter é a prudência pedagógica, que atende muito às condições psicológicas e morais de quem ouve (cf: Mt 7,6): se criança, se inculto, indisposto, desconfiado e mesmo hostil. Essa prudência leva a tomarmos o pulso à sensibilidade alheia e a modificarmos as nossas pessoas e modos, para não sermos desagradáveis nem incompreensíveis. No diálogo, assim entabulado, realiza-se a união da verdade e da caridade, da inteligência e do amor. Descobre-se no diálogo como são diversas as vias que levam à luz da fé, mas como apesar disso é possível fazê-las convergir para o mesmo fim. Ainda que sejam divergentes, podem tornar-se complementares, levando o nosso raciocínio para fora das sendas comuns e obrigando-o a aprofundar as investigações e a renovar os modos de expressão. A dialética deste exercício de pensamento e de paciência far-nos-á descobrir elementos de verdade mesmo nas opiniões alheias, obrigar-nos-á a exprimir com grande lealdade a nossa doutrina, e tornar-nos-á merecedores, já só pelo que nos custou expô-la às objeções e à assimilação lenta de quem nos ouve. Tornar-nos-á sábios, far-nos-á Mestres”.

Vamos agora dar uma olhada mais de perto no conceito de “espiritual”. Após o esforço pós-conciliar para recuperar os dinamismos comunitários da fé - Igreja, Povo de Deus - quase todos nós chegamos à conclusão de que esses dinamismos carecem de um fundamento adequado se não forem acompanhados por fortes processos de personalização. A partir dessa convicção, a *conversa*ção ou o *diálogo espiritual* se apresenta como uma grande urgência pastoral nos processos de amadurecimento na fé, tanto na dimensão pessoal (acompanhamento espiritual ou direção espiritual - discutiremos a adequação desses títulos mais adiante) quanto na dimensão comunitária (a dinâmica do Sínodo da Sinodalidade). Seria muito longo e até mesmo desproporcional comentar todas e cada uma das intervenções do magistério ordinário sobre a natureza, a finalidade, os destinatários e as diferentes maneiras de realizar a, repetimos, urgência pastoral da *conversa*ção ou do diálogo espiritual. Nós nos

contentaremos em nomeá-los em nota¹², mas não sem ressaltar que todas as intervenções enfatizam fortemente a primazia do Espírito Santo, a centralidade de sua presença, que devemos aprender a reconhecer para encontrar o que realmente “agrada a Deus”.

Esse destaque, como veremos, não só livra o que tradicionalmente se chama de direção espiritual de interpretações indevidas - sobretudo do excesso de diretividade que às vezes, e com razão, leva à sua rejeição -, mas também nos obriga a especificar com o máximo rigor as atitudes dos participantes do diálogo espiritual, que sempre exigirá, em seu fundamento radical, uma relação adequada entre Palavra, que se refere às dimensões objetivas e universais da fé, e Espírito, que se refere aos apelos pessoais que encarnam essa objetividade na história. Resumidamente: a conversa ou o diálogo espiritual sempre requer Palavra e Espírito, ou seja, verdade e vida. Uma vida sem verdade nos separa da vontade de Deus; mas uma verdade sem vida também nos separa da vontade de Deus. Portanto, nem Palavra sem Espírito nem Espírito sem Palavra. Trata-se de não esquecer que a ortodoxia (o reto pensar da fé) deve se encarnar na vida cotidiana

¹² Recolhemos os que consideramos mais significativos: CONCILIO VATICANO II; *Presbyterorum ordinis*, nn. 6. 9. 11. 18; *Optatum totius*, nn. 3. 5. 8. 19. 22; *Perfectae caritatis*, nn. 14. 18. 24; *Apostolicam actuositatem*, n. 30; *CODEX JURIS CANONICI*, can. 239, §. 2; can. 240; can. 246, §. 4; can. 719, §. 4; JOÃO PAULO II, *Christifideles laici*, nn. 56. 58; SÍNODO DOS OBISPOS, VIII Assembleia Geral ordinária, *A formação dos sacerdotes na situação atual*, *Instrumentum laboris*, nn. 48. 49; JUAN PABLO II, *Pastores dabo vobis*, 40c. 50d e f. 66a-d. 81c; CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Diretrizes sobre a preparação dos formadores nos seminários*, (3 nov. 1993), nn. 44. 61. DICASTERIO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *A vida fraterna em comunidade*, (2 fevereiro 1994), n. 50; CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros* (31 janeiro 1994), nn. 54. 76; JOÃO PAULO II, *Vita consacrata*, 39b. 44.b. 58d. 64d. 66. 95c. 103; CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *O sacerdote confessor e diretor espiritual, ministro da misericórdia divina* (9 março 2011), n. 64-134; BENTO XVI, *Faculdade Pontifícia Teológica Teresianum* (19 março 2011); FRANCISCO, *Lumen fidei*, n.35; *Evangelium gadium*, nn. 70. 169-173; *Laudato sí'*, n. 235; *Amoris laetitia*, nn. 36, 38, 46, 52, 78, 108, 199, 204, 207, 209, 211, 217, 222, 223, 227, 230, 232, 234, 241, 242, 243, 246, 250, 253, 255, 260, 288, 291,293, 294, 299, 300, 308; *Gaudete et exultate*, n. 110; *Christus vivit*, nn. 65-67, 242-247, 291-298. Documento final do Sínodo da Sinodalidade 2024, 12, 18, 24, 30, 36, 42, 48, 54, 60, 66, 72.

na ortopraxia (o reto agir da fé) e que a mediação que permite essa unidade será sempre a *ortopatía* (o reto sentir da fé: ter os mesmos sentimentos que Cristo teve...: Flp 2,5¹³).

E podemos tornar ainda mais explícito o propósito fundamental do diálogo espiritual acima mencionado: colocar o mundo afetivo - único, original e irrepetível: a vida pessoal (*ortopatía*) - na devida ordem à luz do Espírito, de modo que possa haver uma unidade personalizada entre ortodoxia e ortopraxia, ou seja, “revestir-se do homem novo, criado segundo Deus em justiça e santidade de verdade” (Ef 4,24)”. Por essa razão, e concluímos essa primeira abordagem, a conversa ou o diálogo espiritual nunca pode ser reduzido nem à instrução teológica (embora às vezes possa ser necessária) nem à instrução moral (embora também possa, às vezes, ser necessária).

2. O diálogo espiritual de Deus com o ser humano: pessoa/comunidade

Agora vamos nos aprofundar, no segundo passo, na dinâmica exigida pela *conversa ou diálogo espiritual*. Muitos textos bíblicos

¹³ Paulo não usa o termo “páscho” (pásjo), mas o verbo phronéō. O primeiro significa “sofrer”, “passar por”, “experimentar”, “ser afetado de uma forma ou de outra”; o segundo tem um amplo campo semântico: “ter entendimento”, “pensar e sentir”, “pensar”, “dar sua opinião”; mas também “sentir”, “ter sentimentos”. Páthos significa “tudo o que se experimenta ou sente”, e também “estado de alma”, “disposição moral” (a variedade de sentimentos que experimentamos, seja prazer ou aflição, amor ou ódio), e também “afeição”, paixão”. Por outro lado, phrónēsis significa “espírito”, “mente”, “inteligência”, “modo de pensar”, “razão”, “sentimentos”, especialmente elevados (nobreza, coragem, etc.); “propósito”; “sanidade”, “razoabilidade”. Os termos não são totalmente sinônimos, mas compartilham parcialmente o campo semântico. No texto de Paulo, trata-se de atitudes ou sentimentos que podem ser cultivados em relacionamentos mútuos. Penso que, ao fazer uma exortação, ele não pode dizer “páschete”, que indica a aflição produzida nas pessoas por um fator aflitivo (um golpe, uma doença, um infortúnio), mas também a aflição causada por um fator favorável (pelo menos existe a expressão “eu páschein”: “ser feliz”). Em vez de afetos, é uma questão de disposições que se adota e sobre as quais se tem uma certa capacidade de modelagem ou domínio. Em suma, se a “ortopatía” for entendida no sentido amplo de afeição, atitude, disposição ou sentimento digno que podemos cultivar, a citação de Flp 2,5 é apropriada.

podem ser oferecidos para mostrar como o diálogo pedagógico de Deus, que atinge seu ponto culminante em Jesus de Nazaré, o Cristo, molda a identidade espiritual - a vida no Espírito - de seu povo. Mas, em minha experiência pessoal, Dt 32, 1-12¹⁴ reflete muito claramente essa iniciativa divina de moldar (educar) os seres humanos, porque manifesta claramente esse delicado equilíbrio entre exigência e ternura que todo bom pedagogo, todo bom acompanhante deve manter.

Prestai ouvidos, ó céus, porque eu falo; ouça a terra as palavras da minha boca. Derrame-se o meu ensino como chuva, caia a minha palavra como orvalho, como chuva suave sobre a grama verde, como chuva sobre a relva. Pois eu aclamarei o nome do Senhor; exaltarei o nosso Deus! Ele é a Rocha, sua obra está terminada, pois todos os seus caminhos são justos. Ele é o Deus da fidelidade, não da maldade; ele é justo e reto. Perversos são os que ele gerou sem mácula, geração perversa e tortuosa; assim retribuíste ao Senhor, ó povo insensato e insensato? Lembrai-vos dos dias da antiguidade, considerai os anos de idade em idade. Perguntai a vosso pai, que ele vos diga; aos vossos anciãos, que eles vos falem. Quando o Altíssimo dividiu as nações, quando dividiu os filhos de Adão, estabeleceu os limites dos povos de acordo com o número dos filhos de Deus; mas a porção do Senhor era o seu povo, Jacó a sua herança. Em uma terra deserta, ele o encontra, na solidão estrondosa do deserto. E o envolveu, e o alimentou, e o acarinhou, como a menina dos seus olhos. Assim como a águia levanta o seu ninho e voa sobre os seus filhotes, assim ele estende as suas asas e o toma, e o carrega na sua plumagem. Só o Senhor o conduz ao seu destino; com ele não há deus estranho.

O texto proposto expressa, antes de tudo, o que deve ser uma persuasão constante na vida de fé: Deus guia o seu Povo e, portanto, a maior preocupação da pessoa de fé deve ser escutar (ob-au-

¹⁴ As reflexões oferecidas são anotações pessoais tiradas de uma palestra do Cardeal Martini. Lamento não saber se ela foi publicada.

dire) essa orientação sábia, amorosa e incansável, porque somente a partir da experiência desse “diálogo” ela pode descobrir o plano divino para a sua história e para a História (orientação para o seu destino).

No entanto, esse diálogo às vezes envolve momentos de ruptura com o passado (a terra ressequida; a solidão estrondosa da estepe); é realizado por meio de gestos de atenção e amor (ele envolve, sustenta e cuida); envolve uma profunda elevação (ele abre as asas e o leva, e o carrega em sua plumagem); e exige confiança absoluta (com ele não há Deus estrangeiro).

Estou convencido de que uma correta *compreensão do Deus que acompanha o seu povo*: pessoa/comunidade constitui a verdadeira luz que revela as atitudes que devem estar presentes em todo *diálogo espiritual*: a importância da liberdade; o máximo respeito devido à pessoa acompanhada; a renúncia a toda manipulação, porque somente no santuário da consciência, no “coração”, ocorrem as decisões definitivas; a escuta constante e a plena confiança na ação de Deus que invoca e provoca a liberdade humana (autonomia pessoal). Mas esse respeito absoluto por cada ser pessoal busca não apenas seu desenvolvimento e perfeição, mas também o serviço ao projeto de amadurecimento da comunidade. Em resumo: a maturidade de cada ser pessoal só é possível na maturidade da comunidade; e a plenitude da comunidade pressupõe a maturidade de seus membros.

A penúltima razão para essa dialética difícil, mas bela, é a natureza comunitária da pessoa: ninguém atinge sua plenitude sem um espaço comunitário apropriado. A razão última é que toda pessoa é chamada à comunhão com Deus Trindade, Deus Comunidade, ou seja, à constituição de um único corpo onde Jesus, o Cristo, o Verbo encarnado, é tudo em todos (Ef 1, 3-23; Cl 1, 15-20). Nossa fé confessa que esse relacionamento inquebrantável é expresso na Igreja: o povo libertado por Deus para viver em liberdade. E é na Eucaristia, especialmente na celebração dominical, que o chamado pessoal e comunitário para formar um só corpo com o único corpo do Senhor (1Cor 10,17) é expresso de forma privilegiada para ser

um sinal histórico da comunhão trinitária.

A dinâmica envolvida na invocação e na provocação de Deus para configurar a própria vida a partir da dialética pessoa/comunidade abre um claro caminho pedagógico caracterizado:

- **Por gradualidade e progressividade (projeto):** *a sabedoria de Deus sempre parte da situação real da pessoa/comunidade acompanhada. Mesmo que a situação seja desastrosa, Deus sempre oferece a possibilidade (misericórdia: acolhimento; misericórdia: resposta cordial à miséria) de continuar caminhando. Não se trata de uma exigência excessiva nem de uma condescendência acomodaticia, mas de uma invocação e provocação à liberdade que, se for aceita, abre a possibilidade de retomar o caminho da fidelidade. Em resumo: partindo da situação real da pessoa/comunidade, Deus propõe um itinerário, um caminho que pode e, portanto, deve ser seguido.*
- **Por uma questão de conflito e energia:** *seria errado conceber o caminho que Deus oferece como um simples processo evolutivo, como uma sucessão contínua de passos cada vez mais exigentes. Às vezes, o caminho da fidelidade exige o momento fundamental da ruptura, aquele momento que chamamos de “conversão” (μετάνοια: mudança de “mente”), e devemos sempre lembrar que a conversão mais difícil é a dos “bons”, daqueles que, para cumprir a “lei”, se esquecem de buscar o que “agrada a Deus” (cf. Mc 10, 17-22). Um dos requisitos fundamentais da arte de acompanhar com fidelidade será sempre oferecer luz para distinguir claramente quando é o momento de ruptura e quando é o momento de continuidade. Por isso, às vezes, o acompanhamento será caracterizado pela resistência e pela rebeldia da pessoa acompanhada, que sempre exigirá ser um sinal, uma presença real, da infinita paciência de Deus (cf. Sl 88; 105; 106; Ne 9, 6-37; Ex 14, 11-12; Ex 16, 3ss.). Mas, e às vezes nos esquecemos disso na prática cotidiana, isso também exigirá que sejamos sinais, uma*

presença real, da ação enérgica de Deus: nem suave nem complacente, nem resignado nem fatalista, mas comprometido, determinado, capaz até de repreender. Se o acompanhamento consiste em ajudar cada pessoa a encontrar seu próprio caminho, parece estranho que, às vezes, não seja necessário fazer correções de rota em um caminho que, de outra forma, se desviaria em meios e propósitos (cf. Ap 3:19; Hb 12:5-7; Jo 15:1-2). Hoje em dia, há uma tendência de marginalizar essa ideia: na melhor das hipóteses, aceita-se que se deva advertir gentilmente alguém de que ele pode estar se desviando do caminho, deixando-o descobrir por si mesmo as consequências desastrosas de suas ações (mais sobre isso adiante).

- **Para abrir caminhos de libertação:** *a arte de acompanhar por meio do diálogo espiritual consistirá, portanto, em imaginar projetos que apresentem claramente as etapas, os meios, necessários para o fim que se busca, lembrando sempre que a pessoa adulta é caracterizada por uma profunda unidade interior, fruto da luz da verdade; por uma dedicação convicta e generosa, resultado da superação de todas as formas de recolhimento em si mesmo; pela fortaleza que supera as pressões ideológicas multifacetadas, os condicionamentos culturais e sociais, enfim, as pressões externas que, às vezes, convidam a renunciar aos ideais de fidelidade. O plano de Deus é libertador: a descoberta da verdadeira liberdade é essencial para o desenvolvimento tanto da pessoa (autonomia) quanto da comunidade (amor). O caminho que Deus nos convida a seguir sempre provoca o gosto pela liberdade autêntica: ele tira o povo da terra da escravidão para fazê-lo entrar na terra da liberdade (Êxodo). E lembremo-nos de que o Evangelho de João (Jo 8,31) coloca na boca de Jesus - palavras pronunciadas com autoridade: “Eu sou...” - que somente a verdade nos torna verdadeiramente livres. E que essa Verdade é o plano divino da salvação: é livre aquele que sabe e aceita*

que sua vida é um dom pelo qual se deve agradecer; que aceita com confiança a vontade de Deus; que reconhece que Deus o ama e o chama a realizar-se em plenitude configurando-se a Cristo, o homem perfeito. É livre e feliz aquele que percorre os caminhos abertos pela misericórdia de Deus e, assim, aprende a conhecer, a amar, a servir e a louvar. Em suma, é livre aquele que não é dominado pelo orgulho, que não é obcecado por sua própria riqueza, por seu próprio desejo de perfeição e, acima de tudo, que experimenta a responsabilidade de assumir como sua a fidelidade de seus irmãos e irmãs (pessoa/comunidade).

- **Por estar inserida na história:** *porque a invocação e a provocação de Deus à liberdade humana “não caem do alto”, ou seja, não consistem em oferecer uma série de princípios pedagógicos genéricos, mandamentos abstratos, instruções propostas de modo mais ou menos didático. Seu acompanhamento é extremamente concreto, inserido na história da pessoa/comunidade, capaz de estimulá-la (invocação e provocação) nas profundezas do coração. Não é apenas uma questão de palavras. Ao lado das palavras, há sempre “acontecimentos” (Dei Verbum, I, 2), aqueles eventos históricos que, por sua forte presença, “desnudam” e obrigam a pessoa a repensar o sentido de sua vida. Palavras e obras, ditos e atos, promessas e realizações, ordens e correções..., em suma, verdadeira presença histórica, porque a realidade constituída por pessoas vivas, por coisas concretas, por situações cotidianas, por motivações e exigências manifestas, por relações inevitáveis, por trabalho árduo, por comunidades plurais e em evolução e pela presença do Espírito sábio e animador... será sempre o verdadeiro espaço onde o ser humano é chamado a configurar o seu ser segundo o desígnio revelado em Jesus, o Cristo. Afastar a pessoa da realidade e conduzi-la ideologicamente a um mundo irreal, a um espaço de apenas ideias ou sentimentos patéticos, será sempre o oposto da vontade de*

Deus. Talvez, é minha convicção, grande parte da fragilidade psicológica e espiritual de nosso tempo esteja enraizada em formas de acompanhamento (tanto pessoais quanto institucionais) que oferecem projetos irrealistas, fechados, idealistas, sentimentais (crise da modernidade...) que, no final, só geram agressividade, fadiga, frustrações e, acima de tudo, desespero.

- **Confiando nas mediações humanas:** *sublinhemos mais uma vez que é Deus, derramando seu Espírito no coração humano, o principal ator do acompanhamento. Mas essa ênfase não exclui, mas, ao contrário, inclui as mediações humanas. Sem uma consciência contínua do mistério do Espírito Santo, certamente não é possível compreender o significado profundo do diálogo espiritual; mas sem mediadores humanos e muito humanos, a ação do Espírito corre o risco de se perder. No entanto, quem não discernir a ação do Espírito em sua intimidade, quem não se deixar guiar por Ele (Rm 8, 14) não poderá testemunhar sua ação no coração humano. Esse é o risco do diálogo espiritual: impor as próprias ideias, quebrando o chamado de Deus à liberdade. Contemplar Jesus, o Cristo que acompanha seus discípulos e os homens e mulheres de seu tempo (Mc 9, 38-39; Mt 18, 21ss; Lc 7, 36-50; 10, 38-40; 18, 18-23; 24, 13-35; Jo 13, 37-38) será sempre a exigência que o mediador acompanhante terá de renovar continuamente. A demanda é forte e, às vezes, pode levar ao desânimo e ao abandono dessa urgência pastoral. Mas esse desânimo e esse abandono sempre revelarão um esquecimento, uma perda de consciência de que, como temos sublinhado, o verdadeiro protagonista é Deus e seu Espírito que motiva o coração humano a se configurar com Jesus, o Cristo. É uma questão de ajudar a perceber a voz do Espírito, não de ser o Espírito: de abrir um espaço no coração humano para que Ele e somente Ele possa falar livremente. Não é uma questão de suplantá-lo, mas de ensinar como ver e acolher sua presença, sua ação.*

CONCLUSÃO

- *Deus acompanha a pessoa/povo invocando e provocando sua liberdade para que o ser humano possa saborear a beleza da Verdade que gera a autêntica liberdade: “a verdade vos libertará” (Jo 8,31).*
- *Acompanhar para a liberdade não significa satisfazer ou agradar, esconder mentiras, incômodos, falta de fidelidade... É necessária a coragem da verdade, respeitando sempre a gradualidade.*
- *Acompanhar para a liberdade exige, portanto, às vezes, correção, intervenção que convida à conversão, à contradição. Não corrigir a agressividade destrutiva (egoísmo e arrogância) que impede a autêntica relação pessoa/comunidade significará sempre renunciar à finalidade última da conversação ou do diálogo espiritual.*
- *A correção que não nasce da piedade (acolher o outro como ele é) e da misericórdia (um coração pronto para responder à miséria), ou seja, do amor, não acompanha, mas destrói. Somente o amor paterno/materno é a fonte de sabedoria que abre os verdadeiros caminhos para a liberdade.*
- *É por isso que o objetivo final do diálogo espiritual nunca pode ser descrito por uma lógica puramente racional (mais geométrica: ideias claras e distintas), porque é uma questão de acompanhar a vida, o processo de maturidade da pessoa/comunidade. Entretanto, Deus não educa “ao acaso”, ou seja, suas intervenções educativas não são ocasionais nem incoerentes. Seu acompanhamento é sempre à luz do objetivo final; é sempre, portanto, uma “ação intencional”, mesmo que não seja fácil captar o significado de sua intervenção em cada momento (essa é a necessidade de discernir as moções do Espírito). O mesmo deve acontecer no diálogo espiritual, onde planejar não significa fazer com que tudo se encaixe em um esquema*

rígido, mas ter um senso de finalidade e metas intermediárias, e operar com flexibilidade e equilíbrio, a fim de manter ou levar os diferentes momentos da vida ao seu verdadeiro fim (inserido na história): a configuração a Jesus, o Cristo.

3. *Conversa ou diálogo espiritual pessoal*

Tendo recordado a excelência ética do diálogo humano; tendo sublinhado o protagonismo do Espírito de Deus no *diálogo espiritual*; e tendo penetrado no acompanhamento misericordioso que Deus oferece à pessoa/comunidade, precisamos esclarecer em que consiste a *conversa espiritual* pessoal, confrontando-a com outras práticas espirituais e dialógicas, com as quais às vezes é confundida, correndo o risco de prejudicar todas elas. Realizaremos essa tarefa dando dois passos: a) definindo claramente o que não é a *conversa ou o diálogo espiritual* pessoal, comparando-o, como mencionado acima, com outras práticas espirituais e dialógicas; b) discutindo, como anunciado acima, o valor dos “nomes” que foram dados a esse *diálogo* ao longo da história. Esses dois passos, além de, espero, derrubar falsas concepções - em muitos casos, mecanismos de defesa - que nos impedem de assumir essa urgência pastoral, permitirão definir positivamente em que consiste o *diálogo espiritual* pessoal.

3.a. O que não é uma conversa ou *diálogo espiritual* pessoal

- **Não deve ser confundido com o sacramento da Reconciliação:** *O relacionamento entre o acompanhante e acompanhado é totalmente diferente daquele entre sacerdote e penitente. Há duas razões para isso:*

- O sacerdote no Sacramento é a “autoridade”, ele julga e age in persona Christi em virtude do sacramento da Ordem Sagrada. O acompanhante não é uma autoridade, nem impõe nada: sua missão é criar um “espaço/tempo” onde a ação do Espírito possa ser experimentada no coração humano (tanto no acompanhante quanto na pessoa que está sendo acompanhada). Confundir o diálogo espiritual pessoal com o sacramento da Reconciliação prejudica seriamente a compreensão de ambos e expõe o diálogo espiritual a críticas justas, especialmente a de “dirigir” por

meio de regras e mandatos, muitas vezes impondo à pessoa acompanhada a espiritualidade do acompanhante, sem atender aos apelos que o Espírito faz no coração da pessoa acompanhada. Nunca se deve “voto de obediência” ao acompanhante, somente ao Espírito. Não se deve esquecer que a autoridade está sempre a serviço da comunidade e que entre o acompanhante e o acompanhado não existe propriamente uma comunidade.¹⁵

- Por outro lado, se houvesse uma identidade entre o sacramento da Reconciliação e o diálogo espiritual pessoal, o acompanhante não poderia retornar ao conteúdo do encontro anterior. E essa impossibilidade desnatura o itinerário, o caminho, que todo diálogo espiritual deve ser. O diálogo espiritual não consiste, como o sacramento, em momentos que em si mesmos têm um sentido pleno, porque exige, precisamente, a descoberta progressiva do caminho, do projeto que Deus oferece à vida humana.
- **Não pode ser confundido com a pregação a uma pessoa singular:** *a conversa ou o diálogo espiritual pessoal não pode ser enquadrado no ministerium Verbi, mas, como temos enfatizado, no ministerium Spiritus. Repetimos o que foi dito: embora o diálogo possa, às vezes, exigir a Verdade, não a minha verdade, mas a Verdade da Palavra, a atenção tanto de quem acompanha quanto de quem é acompanhado deve ser dirigida às moções do Espírito. Ele é o único que desenvolve a atividade magisterial: o único mestre. Esquecer essa verdade é:*
 - Que a pessoa que está sendo acompanhada está sendo obrigada a aplicar o que assimila do que supostamente é

¹⁵ Além disso, nas palavras do Papa Francisco, “a direção espiritual não é um carisma clerical, é um carisma batismal. Os padres que fazem a direção espiritual têm o carisma não porque são padres, mas porque são leigos, porque são batizados” www.religion.digital.org/the-pope-of-the-spring/Dialogue-Pope-seminarians (acessado em 20/01/2025)

ensinado (“configurar a vida a partir do que devo fazer”), esquecendo-se da assunção responsável da própria decisão com base no que o Espírito está colocando em seu coração;

- Que a pessoa que está sendo acompanhada está sendo forçada à passividade e não ensinada a buscar pessoalmente “o que agrada a Deus”;
 - Que o acompanhante possa estar mais atento à sua fala correta do que à sua escuta correta e ao seu sentimento correto, partindo do pressuposto de que o amadurecimento cordial da pessoa pode ser reduzido a uma assimilação intelectual de princípios, ideias, conceitos... e esquecendo que somente o sentimento correto (*ortopatia*: “ter os mesmos sentimentos que Cristo teve...”) torna possível a unidade entre ortodoxia (pensamento correto) e ortopraxia (ação correta). Em suma, o itinerário espiritual é um itinerário experiencial, não apenas lógico e racional.
- **Não deve ser confundido com uma sessão de psicoterapia:** *o conselheiro não é um terapeuta psicológico. Essa visão às vezes trouxe benefícios - atenção a todas as dimensões da vida pessoal - mas também às vezes levou a um forte reducionismo que leva a crer que todos os problemas da pessoa podem ser resolvidos com a sabedoria que a psicologia oferece. São Paulo nos diria que a pessoa é reduzida ao “homem psíquico”, esquecendo-se do “homem pneumático” (1Cor 2,10); ou seja, nunca se deve esquecer que a pessoa é dotada de uma interioridade maior do que a interioridade revelada por sua dimensão psíquica.*
- *Por outro lado, e me refiro agora a certas posições acríticas em relação à intervenção psicológica, é preciso reconhecer, e é prejudicial esquecer isso, que toda presença na vida pessoal é positiva ou negativa para o seu amadurecimento psicológico: não há presença neutra, por mais que seja reivindicada e fingida. Quer queiramos ou não, quer estejamos conscientes disso ou*

não, não pode haver influência positiva ou negativa no diálogo intersubjetivo. Portanto, é um requisito fundamental para o acompanhante verificar continuamente se sua presença (dependência; transferência) está ocupando a sabedoria do Espírito no coração da pessoa que está sendo acompanhada. Resumindo: não importa o quanto se aprenda com Roger, a neutralidade da atuação no diálogo intersubjetivo nunca deve ser considerada garantida.

- E, finalmente, como já foi afirmado, às vezes é necessário intervir com o poder da Verdade que purifica e corrige. Os reducionismos “espiritualistas” certamente causaram muitos danos: é um erro muito grave tentar resolver problemas psicológicos e até mesmo, segundo alguns, problemas de saúde física dentro de uma estrutura espiritual; mas os reducionismos “psicologistas” também são prejudiciais: tentar lidar com problemas espirituais usando apenas técnicas psicológicas pode até mesmo esconder a verdadeira vontade de Deus. No final das contas, quem é o principal responsável pela função integradora da pessoa: a psicologia ou a espiritualidade? o psicólogo ou o acompanhante espiritual? Acredito que não seja nenhum deles - se esses dois campos do conhecimento forem formalmente considerados - mas a pessoa que está sendo acompanhada. E é a história da pessoa que deve marcar o caminho a ser seguido. Em essência, é uma questão de aplicar a sabedoria de Calcedônia: a natureza humana e a natureza divina de Jesus, o Cristo, não se confundem nem se separam, mas se diferenciam na unidade de sua pessoa, que é divina. Pois o que está em jogo, como enfatizamos acima, é que a pessoa alcance a unidade e a integração de todas as dimensões de seu ser.*

3.b. Os diferentes “nomes” dados ao diálogo espiritual pessoal

- **Direção espiritual:** *é o nome mais tradicional e aquele sobre o qual recaiu a maior parte das críticas após o Concílio, às vezes de forma acrítica (maneiras e modas que são seguidas sem uma reflexão adequada). Bem, vamos começar lendo o Cardeal Martini: “(o título de direção espiritual) é antigo, tradicional e indica a linha de um caminho, a linha reta a ser seguida. Subjacente a esse termo está a ideia da vida cristã como um caminho no qual também se pode tomar a direção errada, no qual se deve ser ajudado a ir na direção certa, a não perder o caminho certo”.*¹⁶

A Real Academia de Língua Espanhola estabelece dois primeiros significados para o termo “dirigir”: a) Endireitar, conduzir algo na direção certa para um fim ou lugar designado. b) Guiar, mostrando ou dando os sinais de um caminho. Vamos destacar os termos: endireitar, guiar e dirigir dando sinais para um fim. Pois bem, se quisermos evitar reduzir o diálogo espiritual a uma conversa, a um debate/discussão, a uma terapia psicológica, é necessário reconhecer que a Revelação oferece um conteúdo objetivo, livremente dado, para que a pessoa possa configurar sua própria subjetividade, endireitar seu caminho vital para alcançar a maturidade humana e espiritual, que sempre envolverá (lembre-se das regras de discernimento) a dedicação de sua vida à construção da comunidade. Por essa razão, outra das tarefas fundamentais do diálogo espiritual pessoal é dirigir e guiar - não decidir nem comandar - para que a pessoa acompanhada possa vislumbrar em seu coração as exigências do Reino e traduzir em sua jornada de vida o possível chamado de Deus sobre sua vida. Não se trata, portanto, apenas de resolver problemas ou de esclarecimento intelectual: quando isso é necessário, o diálogo é necessário, mas as exigências de discernimento não podem ser atendidas (para discernir/decidir, é necessário consolo e paz). É uma

¹⁶ Martini, C. M.: *La direzione spirituale nella vita e nel ministero del prete*. La Cittadella, 1984, p. 22.

questão de guiar a pessoa diante do Mistério de Deus.

Entretanto, não se pode negar que o título “direção espiritual” tem aspectos negativos. Primeiro, não é muito evangélico e não se encontra na Revelação (se estivermos falando de objetividade). Em segundo lugar, pode sugerir que a pessoa que está acompanhando tem todo o protagonismo, impedindo a liberdade saudável e madura da pessoa acompanhada. E, repetimos, somente o Espírito Santo dirige e anima a vida cristã: diáconos do Espírito, sim, mas não substitutos de sua ação. Em terceiro lugar, os termos diretor e dirigido também podem sugerir uma relação de autoridade e obediência: o diretor comanda; o dirigido obedece. Como foi dito acima, esse é um erro pernicioso, pois toda autoridade está a serviço do bem comum e pressupõe uma missão legitimamente confiada. E o acompanhante, além de poder ser escolhido livremente pela pessoa acompanhada e de poder ser abandonado quando se considerar oportuno, nunca pode esquecer que suas sugestões são justamente consideradas com a condição de que a pessoa acompanhada discerne livremente seu valor e seu significado para a própria vida. Sem o exercício dessa autonomia, não há conversa ou diálogo espiritual pessoal.

De nominibus non est disputandum (“Sobre nomes não se deve discutir”), diziam os antigos. E acredito que esse é um conselho sábio que exige que voltemos aos princípios a partir dos quais refletimos criticamente sobre esse primeiro título. Vamos analisá-los porque, a partir deles, analisaremos imediatamente de forma crítica o título que teve mais sucesso após o Concílio: o acompanhamento espiritual.

Sem dúvida, aqueles que se arriscam no diálogo espiritual pessoal devem aprender o valor da “passividade”, ou seja, devem aprender a desenvolver a dimensão contemplativa da vida cristã: trata-se de dar primazia à fé, que é um dom recebido gratuitamente (virtude teologal), como fundamento de toda ação, de todo agir, de toda resposta livre. Repetimos: o ser humano não chega a Deus; é Deus que chega ao ser humano. Ora, esse Deus que se manifesta livre na

história humana nos chama à liberdade, quer que sejamos livres e, portanto, responsáveis. Qualquer diálogo espiritual que nos convide a renunciar à liberdade e à responsabilidade pessoal não pode ser desejado pelo Deus anunciado por Jesus, o Cristo. Mas no diálogo espiritual pessoal, tanto o acompanhante quanto o acompanhado são diáconos do Espírito Santo, o único e verdadeiro diretor da vida cristã. O objetivo é que a pessoa que está sendo acompanhada possa experimentar a ação de Deus nas profundezas de seu coração e não as ideias, os desejos, as vontades ou as projeções da pessoa que a acompanha. Por essa razão, seguindo o testemunho de João Batista, o acompanhante deve diminuir - ele é apenas uma voz, não uma Palavra - para que a Revelação de Deus possa se aninhar na parte mais íntima da vida da pessoa que está sendo acompanhada. A esperança, a confiança e a entrega total são devidas a Deus e somente a Ele (com Ele não há Deus estrangeiro).

- **Acompanhamento espiritual:** *é o termo mais comumente utilizado após o Concílio, substituindo “direção espiritual” e, entre outras intenções, visa assimilar os aspectos mais positivos que a teoria de Rogers oferece sobre a relação de ajuda: 1) a presença de um acompanhamento educativo, livre de pressões externas e centrado na situação real da pessoa acompanhada; 2) uma atitude de escuta respeitosa, de aceitação e de expectativa passiva por parte do acompanhante nos primeiros passos da relação; 3) a não interferência do acompanhante na decisão final, que deve ser tomada pela pessoa acompanhada em liberdade e sem descarregar sua responsabilidade sobre aquele que acompanha; 4) a exigência ao acompanhante de renunciar a toda presunção e de enfrentar a tarefa de acompanhar com humildade, paciência e esperando tudo da pessoa acompanhada.*
- *No entanto, acho que é um claro reducionismo no acompanhamento prestar atenção apenas à dimensão antropológica (subjetiva) da psicologia, ignorando a dimensão teológica (objetiva) da Revelação. Trata-se de configurar a vida, como dito acima, a partir*

da tensão Palavra-Espírito, ou seja, a partir da escuta do chamado que o Deus de Jesus, o Cristo, faz ao coração humano por meio do Espírito. Portanto, se acompanhamento significa não diretividade daquele que acompanha e uma profunda atitude de escuta (em oposição aos possíveis significados que a direção espiritual pode ter assumido), esse título é altamente apropriado para a conversa ou o diálogo espiritual pessoal. Mas se o acompanhamento vier a significar desatenção à ação do Espírito e à Verdade revelada, o título deve ser rejeitado. E, além disso, como foi afirmado, parece-me uma tremenda ingenuidade afirmar, sem mais, a possibilidade de uma presença intersubjetiva neutra. Portanto, se o acompanhamento nos convida a não estar conscientes e, sobretudo, a não revisar a influência que o acompanhante tem sobre o acompanhado, também deve ser rejeitado. O acompanhante deve saber contemplar (passividade) quando Deus está agindo no coração da pessoa acompanhada; mas também deve saber como agir quando o acompanhante não está assumindo responsabilmente o chamado à liberdade que Deus oferece à sua vida. Permitam-me lembrar um conselho de um dos melhores acompanhantes que Deus deu à sua Igreja, Santo Inácio de Loyola: "Fale pouco e tarde, ouça muito e com prazer, ouça muito até que eles tenham terminado de falar o que querem... fique quieto para sentir e conhecer os entendimentos, os afetos e as vontades daqueles que falam, a fim de responder melhor ou ficar em silêncio" (muitos séculos antes do nascimento da psicologia humanista!!!! Temos belas tradições das quais às vezes não temos consciência e que outros copiam sem nomeá-las).

- **Outros títulos presentes na tradição: Pai/ Mãe espiritual, Conselheiro espiritual, Formador espiritual:** *Apenas registramos sua presença na Tradição da Igreja e, sem nos determos nelas para não estender ainda mais nossa reflexão, destacamos a riqueza que elas contêm.:*

- Eles destacam com grande clareza a necessidade de uma presença que ajude a amadurecer, que gere vidas maduras;
- Eles também destacam, e até agora isso só foi afirmado implicitamente, a “não igualdade”, a “não simetria” que caracteriza a relação acompanhante-acompanhado, referindo-se a uma relação pedagógica peculiar entre desiguais;
- Uma relação pedagógica que nunca pode esquecer que seu fundamento é a relação de amor, porque tanto o acompanhante quanto o acompanhado são filhos do mesmo Pai/Mãe que deve guiá-los: a exigência, portanto, de que o amor seja sempre a “atmosfera” que caracteriza a conversa ou o diálogo espiritual. Resumidamente: a relação de acompanhamento pode ser vista como um sacramento (sinal eficaz) da relação que Deus Pai/Mãe deseja ter com a criatura humana. Enfatizamos: sinal efetivo, não substituição do relacionamento pessoal que toda pessoa batizada é chamada a ter com o único Pai/Mãe, com o único Conselheiro, com o único Formador, com o único Senhor da vida humana.

3.c. Em busca de uma possível definição de uma conversa ou diálogo espiritual pessoal.

Acredito que duas linhas fundamentais podem ser reconhecidas na reflexão teológica espiritual atual sobre a natureza e os objetivos do diálogo espiritual. Não são linhas opostas; elas são sublinhadas de acordo com a sensibilidade teológica de cada um.

A primeira dessas linhas situa o diálogo espiritual pessoal, a fim de estabelecer sua possível definição, na esfera da comunicação da fé: uma ajuda (não uma intervenção autoritária) que uma pessoa (sacramento/mediação: não substitui a voz de Deus) oferece por meio do diálogo (não conversa; não discussão; não terapia psicológica) para abrir um espaço de discernimento (não apenas de solução de problemas) que torna possível a busca e a subsequente

encarnação na vida cotidiana (não em momentos extraordinários) daquilo que agrada a Deus (não ao acompanhante). Essa primeira definição exige aceitar que o diálogo espiritual pessoal é um meio pastoral extremamente humilde (não é um fim em si mesmo e sempre se refere à plenitude da configuração pessoal com Jesus, o Cristo); mas, ao mesmo tempo, é extremamente necessário: A Palavra, a vida sacramental, a Tradição da Igreja, a pregação catequética e homilética são os pressupostos de todo diálogo espiritual, mas ajuda a ortodoxia proclamada a se tornar ortopraxia histórica, ordenando a vida sentimental do crente (*ortopatia*: ter os mesmos sentimentos que Cristo teve...) para que ele possa escutar (*ob-audire*) e responder autenticamente na história ao chamado pessoal de Deus. Da necessidade da encarnação da verdade cristã na vida cotidiana (vida na história) deriva, portanto, a importância do diálogo espiritual pessoal: um momento privilegiado para ler sapiencialmente, à luz da Palavra, os acontecimentos da vida, que devem se tornar verdadeiros “sinais dos tempos” para discernir o chamado de Deus na vida pessoal.

E o sublinhado dessa última afirmação abre a segunda linha que torna possível outro quadro de definição, a ação do Espírito: a pessoa que crê (consciência explícita da vida teologal) busca ajuda para amadurecer sua resposta ao chamado de Deus (superação da dimensão moral e abertura a um projeto vocacional) exigindo um processo de discernimento (fim imediato) à luz do Espírito. O acompanhante não pede, portanto, para encontrar a vontade de Deus para enfrentar um determinado problema; ele pede, antes de tudo, para aprender a reconhecer a presença do Espírito nas profundezas de seu coração (capacidade de discernimento) a fim de moldar sua vida a partir do que agrada a Deus. Resumindo: o diálogo espiritual precisa ensinar (pedagogia) a entender a maneira como o Espírito Santo age no coração humano.

CONCLUSÃO

A verdade sem compaixão impede a conversão, impede a vida.

“A disponibilidade para Deus leva à disponibilidade para os irmãos e a uma vida entendida como tarefa de solidariedade e alegria”

(Bento XVI, Caritas in veritate, 78).

- *No passado, o perigo era sempre considerar o pessoal (subjetividade) como sinônimo de arbitrariedade e o universal abstrato (objetividade) como sinônimo de verdade; por essa razão, era fácil cair em projetos educativos legalistas e farisaicos (exterioridade da lei e obediência acrítica), que formavam as pessoas na expectativa constante de que uma autoridade dissesse o que deveria ser feito, anulando assim a agilidade e a imaginação criativa, impedindo análises concretas da realidade histórica, reprimindo a interpretação dos dados experienciais... Em uma palavra, negando a possibilidade de discernimento espiritual.*
- *O perigo hoje é o subjetivismo, a obsessão pelo eu, a preocupação excessiva com a própria autorrealização, o que implica que a consciência pessoal não seja definida como a norma próxima da ação humana, mas como a norma absoluta e única.*
- *A conversa ou o diálogo espiritual pessoal deve estar situado entre esses dois extremos e, portanto, seu projeto de realização deve ser claramente apresentado:*
 - *A vida cristã é “caminho”, é “viver pelo Espírito” (cf. Gl 5,25), como sintonia, relacionamento e configuração com Cristo, a fim de participar de sua filiação divina. É por isso que “todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8,14). A orientação espiritual ajuda a distinguir “o espírito da verdade e o espírito do erro” (1Jo 4,6) e a “revestir-se do novo homem, criado segundo Deus em justiça e verdadeira santidade” (Ef 4,24). A direção espiritual*

é, acima de tudo, uma ajuda para o discernimento no caminho da santidade (não apenas para resolver problemas).

- O objetivo da direção espiritual consiste principalmente em ajudar a discernir os sinais da vontade de Deus. Isso geralmente é chamado de discernir as luzes e os estímulos do Espírito Santo.
- Esse objetivo é inerente ao processo de fé, esperança e caridade (como configuração dos critérios, valores e atitudes de Cristo) que deve ser orientado de acordo com os sinais da vontade de Deus em harmonia com os carismas recebidos. Os fiéis que recebem o aconselhamento devem assumir sua própria responsabilidade e iniciativa.
- Durante o processo de direção espiritual, é necessário entrar na autoconsciência à luz do Evangelho e, portanto, confiar em Deus. É precisamente um itinerário de relacionamento pessoal com Cristo, no qual a humildade, a confiança e a doação de si são aprendidas e praticadas com Ele, de acordo com o novo mandamento do amor.

Os últimos quatro pontos estão extraídos da Congregação para o Clero: *El sacerdote confesor y director espiritual. Ministro de la misericordia de Dios*. BAC – documentos, 2011.

4. *A conversa ou diálogo espiritual* comunitário

4.a. A exigência da escuta atenta.

O Sínodo sobre sinodalidade colocou a conversa ou o diálogo espiritual (que o Sínodo chama de conversa no Espírito) em primeiro plano. Essa metodologia surpreendeu e chamou a atenção porque não consiste em propor grandes discursos a uma assembleia, mas, após um tempo de oração e reflexão sobre um tópico a ser tratado, são abertas três rodadas de discursos, separadas por um tempo de silêncio meditativo. Vamos lembrar, brevemente, o que dissemos na primeira parte de nossa reflexão¹⁷:

- *Primeira rodada: cada pessoa se revezará para compartilhar os frutos de sua oração e reflexão. Todos têm, mais ou menos e na medida do possível, o mesmo tempo para falar.*
- *Silêncio: o objetivo é tomar consciência do que foi sentido durante a primeira rodada, ordenar os sentimentos experimentados e destacar, a partir dessa ordem afetiva, os pontos considerados fundamentais.*
- *Segunda rodada: os participantes, agora sem nenhuma ordem específica e de forma espontânea (ninguém é obrigado a falar), compartilham o que sentiram no silêncio. Este não é um momento de debate/discussão, mas uma oportunidade de responder a perguntas semelhantes a estas: Como o que foi ouvido me afetou? Há um fio condutor no que foi compartilhado? Está faltando algo que eu esperava que fosse dito? Alguma intervenção me afetou particularmente? Vislumbrei alguma verdade fundamental que considero importante compartilhar? Aqui a ação do Espírito começa a ser experimentada, abrindo a possibilidade de discernimento.*

¹⁷ Ponto 4.d. da primeira parte, pp. 19-21: Um possível caminho prático para discernir comunitariamente: a conversa espiritual.

- *Silêncio: tomar consciência do que foi sentido, organizar os sentimentos e sublinhar os pontos considerados fundamentais.*
- *Terceira rodada: a experiência é compartilhada em busca do que pode unir os participantes na verdade (inteligência), no sentimento comum (coração) e na ação (vontade). Divergências que buscam a convergência em um possível projeto comum (amor).*
- *Conclusão: uma revisão da jornada e uma decisão sobre o que foi alcançado.*

O importante é entender que a discussão e a argumentação dão lugar à escuta (de si mesmo, dos outros e do Espírito) e, portanto, o silêncio meditativo é o núcleo vital da conversa ou do diálogo espiritual. E, também, que no coração, no mundo sentimental (o afetivo é o efetivo), sempre encontraremos a “matéria” que o discernimento deve ordenar e iluminar com a luz do Espírito.

Pois bem, o sucesso do método é também seu risco, na medida em que o diálogo espiritual pode ser percebido apenas como um método participativo para a tomada de decisões (uma forma bem-sucedida de conduzir nossas reuniões) e não como um chamado para viver a jornada de fé na comunidade, na Igreja. É por isso que o magistério do Papa Francisco insiste que grande parte da tão almejada transformação da Igreja no terceiro milênio envolve necessariamente a harmonização com sabedoria da “conversa no Espírito, discernimento e sinodalidade que consistem, mais do que qualquer outra coisa, em ouvir”¹⁸. E é por isso que a Comissão Teológica Internacional adverte: “embora os processos e eventos sinodais tenham um início, um desenvolvimento e uma conclusão, a sinodalidade descreve de maneira específica a jornada histórica da Igreja como tal, anima as estruturas, orienta a missão”¹⁹.

¹⁸ Cfr. Guerrero, J.A.: *Conversación espiritual, discernimiento y sinodalidad*. Sal Terrae, Santander, 2023, p. 10.

¹⁹ Comissão Teológica Internacional: *La sinodalidad en la vida y misión de la Iglesia*. Madrid, San Pablo, 2018, p. 55.

Por que esse chamado para caminharmos juntos a partir da qualidade de nossa conversa ou diálogo espiritual? Que apelo à conversão pessoal e eclesial pode ser encontrado nessa proposta específica? A melhor reflexão antropológica, e também o magistério do Papa Francisco, considera que a vida humana hoje vive imersa em “três fraturas” que impedem sua autenticidade: 1) a fratura ecológica (relação com a natureza); 2) a fratura social (relação com os outros); 3) a fratura consigo mesmo (relação com a intimidade). E assim, ao abrir caminhos inautênticos para a vida, essa fratura tripla também torna impossível um relacionamento autêntico com Deus. Resumidamente: a vida humana tem um sério déficit de atenção à alteridade (o outro, o si mesmo) e, portanto, uma séria incapacidade de prestar atenção ao Outro transcendente. Nas palavras de Byung-Chul Han: “hoje a crise da religião é fundamentalmente uma crise de atenção”²⁰.

E a convicção crescente, também expressa no magistério de Francisco, é que é impossível enfrentar essas fraturas separadamente: elas estão tão intimamente relacionadas que não podemos resolver nenhuma delas se não prestarmos a devida atenção às outras duas. Em outras palavras, toda jornada de conversão deve sempre envolver um diálogo melhor com o entorno natural, com os outros e consigo mesmo. Mas também é enfatizado que a urgência de agir (boa intenção) a fim de mudar um estilo de vida caracterizado pela inautenticidade muitas vezes leva a uma falta de atenção ao mundo interior que, quer estejamos conscientes disso ou não, molda essa ação. Trata-se, portanto, de aprimorar nossa capacidade de atenção, o que sempre envolverá uma escuta hospitaleira e uma abertura (da mente - *ortodoxia* -, do coração - *ortopatía* -, da vontade - *ortopraxia* -) para as surpresas que essa atenção pode gerar. Trata-se, nas palavras do Papa Francisco, de que nossa atenção e nossa ação sejam movidas pelo “sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção da dignidade inalienável de

²⁰ Han, B-C.: *Vida contemplativa*. La Magrana, Barcelona, 2023, p. 124.

cada pessoa e a motivação para amar e acolher a todos”²¹.

Portanto, é urgente criar espaços de escuta profunda, espaços onde, com rigor ascético e sabedoria mística, possamos recriar nossa capacidade de estar atentos ao outro a partir do mais íntimo de nossa própria intimidade. Porque escutar sempre significará quebrar nossos egoísmos, seja qual for a forma que assumam, tendo consciência de que, às vezes, também há muito egoísmo em nossos “desejos” de santidade.

E é nesse quadro belo e exigente que deve se inserir a conversação ou o diálogo espiritual comunitário, porque dialogar é criar uma relação em que se está presente, muito presente. E, portanto, deve sempre se referir àquele espaço interior e íntimo onde habita “a fonte que mana e corre, ainda que seja noite... Não sei sua origem, porque não a tem, mas sei que tudo se origina dela, ainda que seja noite... Sei bem que três em uma só água viva residem, e uma de outra se deriva, ainda que seja noite... Aqui as criaturas estão sendo chamadas, e dessa água elas se enchem, ainda que esteja escuro, porque é noite...” (São João da Cruz).

4.b. O caminho de conversão que o diálogo espiritual comunitário oferece

Viver a partir da atenção (para si mesmo, para o outro, ao outro e ao Outro) moldará nossa vida, porque, quer queiramos ou não, nossa biografia é moldada pela intenção de nossa atenção. Onde quer que coloquemos nossa atenção, é para lá que irá nosso coração, e agora devemos nos lembrar do Evangelho de Lucas: “Onde estiver o seu tesouro, ali estará também o seu coração” (Lc 12,34). E, portanto, devemos nos fazer uma pergunta em nossa vida: quando dialogamos, quando encontramos o “rosto” do outro, de onde prestamos atenção? Em que consiste nossa atenção?²²

²¹ Papa Francisco: *Fratelli Tutti*, nº 86

²² Sigo com muita liberdade as principais ideias de: Lozano, J.M: *La conversación espiritual. En el corazón de la espiritualidad ignaciana*. C.J. Colección virtual, Barcelona, 2024, pp. 21-31.

- *É fácil reconhecer que, em um primeiro momento, nossa atenção/escuta é moldada pelo que passou, pelo que foi vivido, pelo aprendido, pelo conquistado... pelo peso do passado. Nossa escuta é influenciada pela presença do que já foi alcançado. E, então, nossa atenção/escuta é direcionada para a confirmação do que já é conhecido (preconceitos). O centro da conversa é sempre eu e meu mundo estruturado de acordo com meus próprios desejos e interesses. E quando estou em silêncio, não ouço, mas preparo meu monólogo: antes de começar, sei o que vou ouvir e o que estou pronto para dizer.*
- *Em um segundo momento, podemos colocar em ação nossa capacidade de argumentação. Começamos a nos envolver quando surgem tópicos, argumentos ou fatos que nos interessam ou nos fornecem novos conhecimentos. Ou, ainda, confrontamos nossas posições com as dos outros, buscando conquistá-los - ou simplesmente vencê-los com nossos melhores argumentos: eu sou meu ponto de vista e meus argumentos... e que vença o melhor (competição).*
- *Mas pode acontecer, em um terceiro momento, que sintamos um forte apelo para ter empatia com o outro, para nos conectarmos emocionalmente e tentarmos entender a perspectiva do outro. Começo a estabelecer um relacionamento em que é possível (re)conhecer o "rosto" do outro. Eu me vinculo à alteridade, rompo as margens estreitas do meu eu e começa a surgir o desejo de uma busca comum: o eu, sem perder sua autonomia (desejo/decisão), começa a se encontrar de uma nova maneira no "nós" que a atenção ao outro suscita.*
- *Então, no quarto momento, nós nos abrimos para a vida e para o possível futuro que o sentimento comum anuncia. Nem o eu nem o passado dominam mais porque estamos experimentando em nossa intimidade mais íntima que outra maneira de estar presente, outra maneira de viver é possível.*

Bem, a conversa comunitária ou o diálogo espiritual não é, portanto, apenas um método para tomar decisões, mas uma forma de vida cotidiana que nos permite nos colocar espontaneamente, com frequência e sem esforço (hábito), no terceiro e quarto momentos. E, para isso, sempre teremos que lutar (luta espiritual) contra as “três vozes” - talvez neste momento elas estejam gritando!!! - que estão em cada eu, mas não fazem parte do verdadeiro eu criado à imagem e semelhança de Deus: a voz do julgamento, a voz do cinismo e a voz do medo. A primeira, a voz do julgamento, nos convida a avaliar, criticar e julgar à distância. A segunda, a voz do cinismo, fecha nosso coração e bloqueia a empatia, levando-nos ao ceticismo ou à desconfiança (a quebra de toda esperança). E, por fim, a voz do medo, que rejeita esse “deixar-se desnudar” (Oséias), esse caminhar em liberdade (Êxodo), esse convite a vender (riquezas: jovem rico) para viver de frente para a Verdade e sonhar com uma vida vivida definitivamente no seio da Verdade (de que lhe serve?). Reconhecer em nossa intimidade essas três vozes, esses três demônios, esses três espíritos malignos e lutar para silenciá-los, para expulsá-los, pedindo ao nosso Mestre o milagre da cura, faz parte de uma vida que quer viver em liberdade com os outros e de acordo com a vontade de Deus (combate espiritual: conversão).

4.c. A vocação missionária da conversa ou do diálogo espiritual comunitário

A conversa ou o diálogo espiritual comunitário certamente exige atenção e escuta. Mas também requer uma “fala correta”, uma “fala atenta”, se preferir, para que possa cumprir sua intenção final: permitir que Deus fale livremente sua Palavra e que o Espírito encarne seu chamado em cada coração. Recordemos a advertência de São Paulo em sua carta aos Coríntios: “Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; e há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; e há diversidade de ações, mas Deus é o mesmo, operando tudo em todos. A cada um é dada a manifestação do Espírito para o bem comum... Mas todas essas coisas são feitas por um só e mesmo Espírito, que as distribui a cada um como quer” (1 Cor 12,4-11).

Bem, assim como afirmamos que ficar calado não é uma maneira de ganhar tempo para preparar o que queremos dizer, falar não pode ser apenas uma oportunidade de pronunciar nossas mensagens de interesse próprio. Não se trata de fazer valer nossos próprios desejos e interesses, mas de sermos verdadeiros servos da Palavra, ou seja, que nossas palavras abram espaço para a única Palavra que salva, para o “dizer” que somente Deus pode dizer. Em suma, é uma questão de “falar com atenção” para que as palavras na conversa não diluam nem a presença dos que conversam nem a presença de Deus, que deseja deixar no coração dos que conversam, por meio da ação do Espírito, sua vontade de que sigamos Jesus, o Cristo. Assim, a “fala atenta” é uma forma de encarnar na história, de acordo com os contextos, a vocação missionária à qual somos chamados.

Mas também exige um forte processo de conversão: teremos de escolher entre querer ser aquele “grande especialista” que acha que sabe tudo, que acha que pode esclarecer tudo, que acha que tem o diagnóstico e o tratamento certos para todos os problemas, ou querer ser o “humilde missionário” sempre pronto para ser um sacramento, um sinal eficaz, da cura que só Deus pode oferecer.

Por essa razão, a conversa ou o diálogo espiritual sempre exigirá humildade, porque se trata de buscar, não a autoafirmação, mas o bem do outro de acordo com a vontade de Deus. Lembrando sempre, como critério para o discernimento de nossa atenção/escuta/fala, que o que nos faz crescer humanamente não é apenas a razão, mas o relacionamento (empatia: cordial, de coração).

Vamos enfatizar mais uma vez. Quando nosso ponto de partida é que já alcançamos tudo (riqueza/pobreza), que estamos sempre certos e que o peso de nosso passado (preconceitos) constitui toda a nossa identidade, não só aspiramos a “de-bater ‘ e ‘ con-vencer ‘, mas corremos o risco de considerar que as dificuldades ao longo do caminho são sempre outras (quebra da comunidade: eclesialidade) e, acima de tudo, esquecemos que o Espírito de Deus está presente na história, também em nossas conversas.

Temos enfatizado muito isso e queremos terminar da seguinte maneira: a conversa ou o diálogo espiritual é um reconhecimento da ação do Espírito no Espírito. Pois o que está em jogo, “ele vem e vai e sopra onde quer”, é a vida que vivemos e a vida que queremos viver. Vamos conversar e, ao fazê-lo, aprender a melhorar a qualidade de nossa atenção, de nossa escuta e de nossa fala. Porque assim seremos fiéis aos desejos de renovação da nossa amada Igreja: sinodalidade, encontro, caminho e Espírito, sem esquecer que tudo isso nasce do silêncio, da escuta da própria interioridade e que, portanto, toda conversa deve nos levar de volta ao silêncio, àquele silêncio que Jesus também frequentava, pois “de manhã, quando ainda estava escuro, ele se levantou, saiu e foi para um lugar deserto, onde orava” (Mc 1,35).



CONCLUSÃO

“A disponibilidade para Deus abre à disponibilidade para os irmãos e para uma vida entendida como tarefa solidária e jubilosa”

(Bento XVI, Caritas in veritate, 78).

- *Falar de conversação ou diálogo espiritual comunitário é sublinhar a necessidade de ouvir e falar atentamente, de encontrar-se na Palavra e na Palavra à luz do Espírito e, portanto, a necessidade de moldar nossos estilos de vida com base na exigência de conversação-conversão-missão. Um estilo de vida de acordo com a verdade do Espírito.*
- *Portanto, como a verdade do Espírito exige discernimento, a conversa espiritual não pode ser reduzida a um método pedagógico para organizar reuniões ou tomar decisões. Trata-se de obediência ao Espírito, que não sabemos de onde vem nem para onde vai (Jo 3:,8). O Espírito se move, inspira, impulsiona, mas sua presença só pode ser vista por seus frutos em nossa vida, nunca o possuímos, nunca o dominamos.*
- *Por ser um verdadeiro “combate espiritual” (conversão), a conversa espiritual envolverá consolações e desolações, tensões e conflitos, resistências e fraquezas. É uma questão de ouvir o Espírito (ob-audire) que nos mostra o caminho da fidelidade em meio às nossas ambiguidades vitais.*
- *A conversação espiritual, portanto, pressupõe uma espiritualidade relacional, um reconhecimento de que sem o outro, os outros (alteridade) não é possível encontrar o que “agrada a Deus”. E o relacionamento, o encontro com a alteridade exige a presença do eu sempre aberto à presença do outro. Não há lugar para o intelectualismo (excesso de razão), um mecanismo de defesa, às vezes, precisamente para evitar o encontro transformador (também em nosso relacionamento com Deus). Tra-*

ta-se de mobilizar todas as dimensões da vida pessoal (inclusive a razão) sem esquecer, ou melhor, fazendo o esforço de falar sempre na “primeira pessoa”, de forma experiencial, narrativa, a partir da abundância do coração (Lc 6,49).

- *No fim das contas, trata-se da busca comum da vontade de Deus. E é caminhando que os encontros que respondem a essa busca tomam forma. Não somos nós que escolhemos quem encontraremos, mas, ao caminhar, conversamos e nos tornamos amigos no Senhor com aqueles que Ele mesmo (a Providência) coloca em nosso caminho. O caminho é uma dádiva, assim como os companheiros de jornada. Buscar e encontrar a vontade de Deus com os irmãos e irmãs que o próprio Deus nos oferece como presente é exatamente a maneira de fazer a longa jornada rumo à liberdade. Porque toda conversa espiritual, se for uma verdadeira conversa espiritual, será sempre um evento libertador.*

ÍNDICE

BUSCANDO O QUE AGRADA A DEUS

Diáconos da misericórdia divina em fidelidade ao Espírito Santo	3
I. O compromisso do discernimento em uma Igreja que quer ser Igreja em saída	5
1. Somente no caminho, no processo, renovamos nossa fidelidade	6
2. A sabedoria da Palavra de Deus: em busca do que “agrada ao Senhor”	8
Conclusão	16
3. O caminho de Jesus: o seu processo de discernimento	17
4. A prática do discernimento pessoal e comunitário na vida cotidiana: suas regras	21
4.a. Uma advertência preliminar	21
4.b. As regras de discernimento.....	21
4.c. Uma possível maneira prática de manter o discernimento na vida cotidiana.....	24
4.d. Uma possível maneira prática de discernimento comunitário: <i>conversa espiritual</i>	25
II. Conversação ou diálogo espiritual, uma experiência pedagógica que ensina o coração humano a discernir	29
1. Introdução: uma primeira aproximação ao <i>diálogo espiritual</i>	30
2. O <i>diálogo espiritual</i> de Deus com o ser humano: pessoa/comunidade	34
Conclusão	41
3. <i>Conversa</i> ou <i>diálogo espiritual</i> pessoal.....	43
3.a. O que não é uma conversa ou <i>diálogo espiritual</i> pessoal	43
3.b. Os diferentes “nomes” dados ao diálogo espiritual pessoal.....	47
3.c. Em busca de uma possível definição de uma conversa ou diálogo espiritual pessoal.....	51
Conclusão	53
4. A <i>conversa</i> ou <i>diálogo espiritual</i> comunitário	55
4.a. A exigência da escuta atenta.....	55
4.b. O caminho de conversão que o diálogo espiritual comunitário oferece	58
4.c. A vocação missionária da conversa ou do diálogo espiritual comunitário.....	60
Conclusão	63



MISIONEROS
CLARETIANOS

HIJOS DEL INMACULADO CORAZÓN DE MARÍA

